

MOVIMENTO

DE

EDUCAÇÃO

DE

BASE

UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO BRASIL  
(Texto base apresentado ao Pênio Reza Pahlavi )

## A. DESCRIÇÃO DO TRABALHO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

ORIGEM - O Movimento de Educação de Base (MEB) se origina das experiências de educação pelo rádio, promovidas, no Nordeste, pelo Episcopado Brasileiro. As Arquidioceses de Natal e Aracaju iniciaram, no Brasil, a aplicação de um sistema educativo através de emissões radiofônicas, que se mostrou adequado para a atuação nas áreas subdesenvolvidas, onde a escassez de comunicações, de recursos naturais e, principalmente, de recursos humanos, mantém a maioria da população em nível cultural, econômico e social, incompatível com a dignidade humana.

Em 1961, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil elaborou um plano de estruturação nacional, de um movimento educativo, baseado nas experiências vitoriosas de Natal e Aracaju. Como resultado dos entendimentos então mantidos com o Governo Federal, o Exm<sup>o</sup>. Sr. Presidente da República prestigiou a iniciativa da CNBB através do Decreto 50.370, de 21 de março de 1961. Por esse decreto, ficava estabelecido que o Governo Federal, mediante convênios que seriam firmados com o Ministério da Educação e Cultura e outros órgãos da administração federal, forneceria os recursos para aplicação do programa que a CNBB realizaria através do Movimento de Educação de Base, utilizando a rede de emissoras católicas.

OBJETIVOS - Definido como entidade de finalidade social e educativa, o MEB, em síntese, propõe-se os seguintes objetivos: co-  
operar na formação integral de adultos e adolescentes das áreas em desenvolvimento do País, fornecer elementos para que o homem tome consciência de sua dignidade de criatura humana, desperte para seus próprios problemas, busque soluções comunitárias para uma mudança de situação, tenha critérios para julgar as mudanças que se processam, transformando-se em agente no processo de criação cultural.

EDUCAÇÃO DE BASE NO MEB - A educação é um processo de integração na cultura, seja através de modos assistemáticos, como ocorre na comunidade regular de todo convívio social, seja através de formas metodizadas em que se instrumentalizam os educandos para uma participação consciente e criadora na herança cultural da humanidade. O MEB, destinado primordialmente a uma área onde sempre se realiza o processo educativo por formas assistemáticas e espontâneas, coopera na formação do homem, oferecendo-lhe os conhecimentos básicos, motivando-o para uma atividade criadora e fornecendo os instrumentos mínimos para que o próprio educando possa ser, ele mesmo, agente de sua promoção.

O processo de ação julgado adequado pelo MEB é o da Educação de Base, que é uma educação que visa a formar o homem no que é, ao mesmo tempo, essencial e mínimo indispensável para sua realização como pessoa. Nesse sentido, o trabalho educativo deve ser desenvolvido em uma perspectiva de autopromoção do povo, formando e assessorando líderes indispensáveis ao processo de desenvolvimento nas respectivas comunidades.

**ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO MEB** - O MEB é estruturado nacionalmente. Sua unidade é o Sistema de Educação de Base que atinge uma área determinada. Cada Sistema, através de uma Equipe Local, planeja, executa e coordena um programa local de Educação de Base. Esta Equipe Local seleciona e treina, nas comunidades atingidas, animadores voluntários que participam ativamente do programa de ação do Sistema.

A maioria dos Sistemas do MEB são Sistemas Radiceducativos. Caracterizam-se por terem sua ação centralizada em torno da emissão radiofônica de programas educativos, para uma rede escolar com recepção organizada. Apesar da eficiência comprovada do Sistema Radioeducativo, em virtude de não se poder contar, em todas as áreas, com a emissão sistemática de programas educativos, a ação educativa do MEB, em algumas áreas, se exerce totalmente através de contatos diretos com as comunidades.

Para elaborar seu programa de atuação, a Equipe Local empreende um levantamento da área a ser atingida, usando as técnicas de estudo de área. Durante este trabalho as comunidades são motivadas para participarem da ação educativa do MEB, enquanto a Equipe colhe dados para a seleção de futuros animadores voluntários das comunidades. Delimitada a área de atuação, a Equipe Local treina os futuros animadores e planeja com eles o trabalho a ser executado. Iniciada a ação, a Equipe mantém contatos constantes com as comunidades em que se desenvolve o programa, supervisionando e coordenando todo o trabalho.

Os Sistemas Locais de Educação de Base de um mesmo Estado são coordenados por uma Equipe Estadual, que elabora, com esses Sistemas, um projeto de ação no âmbito do Estado.

O MEB estrutura-se nacionalmente através de um Secretariado Central, com sede no Estado da Guanabara. Ao Secretariado Central compete criar e organizar os Sistemas Novos, treinar e selecionar o pessoal para as equipes locais, organizar as Equipes Estaduais e coordenar, técnica e administrativamente, o trabalho em todo o País.

**ÁREA DE ATUAÇÃO** - Criado para realizar um trabalho de educação de base nas áreas subdesenvolvidas do País, procurou o MEB atingir toda a área prevista para sua atuação. No entanto, como a manutenção dos Sistemas é função direta dos recursos humanos, materiais e financeiros disponíveis, o número de sistemas de educação de base tem oscilado nesses anos de existência do MEB. Em 1961 o MEB funcionou com 11 Sistemas, passando a 31 em 1962 e chegando a 59 em dezembro de 1963, atingindo 15 Estados Brasileiros no Nordeste, na Região Leste e parte da Região Amazônica. As restrições financeiras exigiram a interrupção do funcionamento de vários Sistemas, o que reduziu seu número para 55 em 1964, 51 em 1965, 37 em 1966. Atualmente, funcionam 21 Sistemas em 9 Estados, ou seja: AMAZONAS - Tefé - Coarí - Manaus; PARÁ - Santarém - Conceição do Araguaia - Bragança; PIAUÍ - Teresina; CEARÁ - Crato - Crateús - Limoeiro - Sobral - Fortaleza; RIO GRANDE DO NORTE - Caicó - Mossoró - Natal; ALAGOAS - Maceió; SERGIPE - Aracaju - Propriá - Estância; MATO GROSSO - Guiabá; RONDÔNIA - Guajará-Mirim.

As mesmas restrições impedem a reabertura dos Sistemas interrompidos e o atendimento a várias solicitações para funcionamento em outras áreas.

ATIVIDADES DO MEB - Entre as atividades desenvolvidas pelo MEB são apresentadas a seguir: Escolas Radiofônicas, Animação Popular e Capacitação de Pessoal.

Escolas Radiofônicas - Uma Escola Radiofônica, numa comunidade rural, tem por objetivo fundamental a integração cultural e econômica desta comunidade na comunidade maior, através da transmissão sistemática de instrumentos de comunicação e produção e a motivação de atitudes. A instrumentação e, especialmente, a alfabetização, tomada isoladamente, perdeu seu significado e sua motivação para as comunidades rurais e para o homem do campo.

Os objetivos das Escolas Radiofônicas baseiam-se no conhecimento das necessidades e possibilidades do homem do campo. O estudo continuado do homem do campo, em sua situação concreta na comunidade, levou o Movimento a criar atividades, desenvolver métodos, fixar metas e objetivos específicos o que, gradativamente, lhe têm garantido uma originalidade pedagógica inegável.

Seus métodos são uma busca continuada de adaptação, durante anos de trabalho e estudo daquilo que está, realmente, ao alcance do lavrador brasileiro e dentro de sua estrutura motivacional e de pensamentos característicos.

Sua orientação pedagógica fundamental é, em síntese, uma tentativa, cada vez mais realizada, de fazer do lavrador em sua situação real, o centro e o sujeito de uma educação para a comunicação e para a produção em comunidade.

Os objetivos das Escolas Radiofônicas do MEB não esgotam os objetivos da Educação, são aqueles que podem ser atingidos numa escola. Não são objetivos de uma escola convencional: são aqueles compatíveis com sua concepção de Educação de Base. Não esgotam os objetivos do MEB: representam apenas alguns dos aspectos.

Cêrca de 450.000 alunos já concluíram o ano escolar nas Escolas Radiofônicas do MEB, desde 1961. Em dezembro de 1966 (depois da redução de sua área de atuação) o MEB contava com cêrca de 2.600 Escolas e 30.900 alunos matriculados. Em 1963, ano de expansão do trabalho, o MEB contou com pouco mais de 7.000 Escolas e, aproximadamente, 146.000 alunos. Esses alunos são, em maioria, pessoas entre 15 e 30 anos de idade. Em áreas não atendidas por escolas convencionais para crianças, as Escolas Radiofônicas são freqüentadas também, por menores de 15 anos.

Os testes de verificação de aprendizagem, aplicados ao fim de cada ano, apresentam um resultado médio e acima de 80% de aproveitamento, conforme os levantamentos realizados anualmente. Estes resul-

tados são confirmados pelo acompanhamento constante da Supervisão das Equipes Locais e pelas cartas recebidas de monitores e alunos, bem como pela atuação dos alunos nas comunidades em que vivem.

Animação Popular - Animação Popular é um processo global de promoção do homem, através de sua própria ação. A expressão "Animação Popular" significa, estritamente, trabalho animado por elementos populares. No caso do trabalho educativo, serão elementos do povo que assumem sua própria educação e os engajamentos consequentes.

A Animação Popular é um processo de estruturação de comunidades e organização de grupos, progressivamente assumido por seus próprios membros, a partir de seus elementos de liderança. A comunidade organiza-se como consequência da descoberta de seus valores, recursos e necessidades, em busca da superação de seus problemas sociais, econômicos, culturais, políticos e religiosos, no sentido da afirmação de seus membros como sujeitos.

A Animação Popular é uma tarefa da comunidade. Faz-se através da transformação de um conjunto de indivíduos, que vivem juntos, em uma integração de pessoas que pensam, planejam e agem em comum, buscando atender a todos como membros da comunidade local, sem desvinculação da problemática nacional e internacional.

Alguns exemplos de trabalhos comunitários estimulados pela ação do MEB:

. Os trabalhos comunitários são os mais variados possíveis, diferindo de localidade para localidade. Uns começam com a limpeza do povoado, outros com a compra de uma pequena ambulância médica, outros ainda com o melhoramento das habitações. Há ainda outras localidades que estão esperando maiores recursos para o início da compra de cabeças de gado.

Outras atividades são também organizadas dependendo das necessidades dos diferentes grupos comunitários, tais como:

. Cooperativas, sindicatos, escolas para crianças, clubes de mães, clubes esportivos, clubes de jovens, teatros populares, construção de casas, limpeza ou abertura das ruas, barbearias, bibliotecas etc. Debates sobre problemas comunitários como vacinação, fossa, filtro etc.

Roça Comunitária - Os Núcleos Populares fazem roças comunitárias, com o intuito de conseguir recursos com que o povo possa solucionar seus problemas mais prementes. A roça comunitária é feita por todos os homens de um povoado. Os homens se ocupam do desmatamento e preparam a terra para o plantio. Quando tudo está limpo, as mulheres fazem o plantio, ajudadas pelos homens. Enquanto umas mulheres plantam, outras preparam a comida para todos. As crianças se ocupam em espalhar as "mudas" a serem plantadas ou distribuem água a todos.

Capacitação de Pessoal - Uma das preocupações principais do Movimento é a preparação de pessoal especializado, pois não há experiências similares. Os treinamentos são instrumentos educativos de excepcional valor, pois visam à conscientização dos treinandos e à sua capacitação para atividades específicas do MEB.

O MEB organiza êsses cursos intensivos para preparação ou aperfeiçoamento de suas equipes de trabalho, nos Sistemas de Educação de Base, ou para a formação dos animadores que vão agir em suas próprias comunidades (monitores, líderes, cooperativistas etc.).

Pode-se observar que em cinco anos o MEB, em cursos de duração média de dez dias, capacitou 805 pessoas de 16 Estados, para atividades técnicas especializadas. Além disso, 13.771 pessoas, dos mais longínquos municípios do interior brasileiro, participaram de 518 cursos (duração média de cinco dias) de formação de animadores populares, o que representa uma atividade educativa das mais importantes.

Na verdade, a capacitação de pessoal do MEB não se faz apenas nos treinamentos. Além dêsses cursos, são organizados dias de estudo, encontros especializados, além do aperfeiçoamento contínuo, através da supervisão de trabalho. O MEB, além de desenvolver uma ação educativa própria, criou um instrumental constantemente revisto e reformulado, o melhor exemplo da vitalidade do Movimento. Sinal dessa afirmação são as constantes solicitações de assessoria técnica que diversos organismos, ligados ao desenvolvimento nacional, fazem ao MEB.

Também aos animadores populares se dedica especial atenção quanto à sua capacitação específica para as funções pelas quais se responsabilizam. Além do treinamento, participam êles de reuniões, encontros e mantêm contatos permanentes com as equipes, através de supervisão. Como líderes populares assumem êles seus papéis nas comunidades, sendo reais agentes de transformação da realidade local.

## B. AVALIAÇÃO

Em função dos critérios mencionados podemos destacar:

1. O MEB desenvolveu atividades didáticas diretamente através das Programações Educativas Radiofônicas e com as lideranças encarregadas da animação das comunidades. Essas atividades são descentralizadas de maneira a atender às variações e peculiaridades de cada Região.
2. O MEB se definindo por um trabalho de educação de base não se limita a uma atividade de alfabetização pura e simples, mas a integra numa perspectiva global de educação. As Escolas Radiofô-

nicas têm realizado a alfabetização de populações rurais, muitas vezes propiciando seu acesso a cursos regulares em escolas convencionais.

3. A ausência de material didático adequado a um trabalho de educação para populações rurais no Brasil exigiu do MEB a elaboração de textos didáticos tais como "Viver é Lutar", "Saber para Viver", "Mutirão I", "Mutirão II", "Mutirão pra Saúde" (em convênio com o Ministério da Saúde). Além destes textos para uso nacional, foram elaborados livros de leitura em vários Estados (Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte). E além de livros de leitura foram preparadas fichas de alfabetização, guias para monitores, cartazes, jornais locais, boletins para aperfeiçoamento, etc.
4. A pesquisa de métodos adequados ao trabalho determinou a criação de formas próprias de atuação do MEB. O rádio implicava metodologia especial que foi sendo desenvolvida e adaptada às condições reais de execução do trabalho. A consciência da importância do papel do animador conduziu a preocupação com sua formação, de maneira que pudesse desempenhar suas funções de educador, suprimindo as limitações do rádio. A criação do "Programa de 1965" representa o resultado dessas buscas bem com diversas experiências em Pernambuco, Minas Gerais e Goiás no sentido da alfabetização direta com fichas didáticas, sendo o animador capacitado como alfabetizador. Quanto à avaliação, o MEB realiza o acompanhamento permanente das atividades, através de supervisão, visitas, correspondência com animadores e alunos, além de testes de aproveitamento e encontros de avaliação e planejamento. Foram realizadas algumas pesquisas para determinar mudança no que se refere à conscientização, através de levantamento de conteúdo de correspondência em anos seguidos, numa mesma área. Outras pesquisas foram planejadas dependendo de recursos para sua execução.
5. O trabalho é realizado deste 1961 como um todo, havendo Sistemas que funcionam há seis anos, outros há quatro anos etc. O Sistema mais novo funciona há dois anos e meio. A observação sistemática durante este tempo, permitiu a elaboração e o enriquecimento das formas de atuação empregadas pelo MEB. Inicialmente, disseminador de escolas radiofônicas, foi o MEB passando a assessoria às lideranças que determinam os trabalhos mais necessários a serem desenvolvidos em suas comunidades.
6. O MEB levou a mais de 500 municípios do interior brasileiro, em regiões muitas vezes jamais atingidas por outras agências educacionais, uma mensagem de integração nacional, conscientizando essas populações de sua participação efetiva em suas comunidades locais e na sociedade global brasileira.

## C. APRECIACÃO DO COMITÉ NACIONAL

O Comitê Nacional encarregado da indicação da candidatura do Governo Brasileiro ao Prêmio Reza Pahlevi, apresenta o Movimento de Educação de Base considerando que:

1. Representa uma experiência importante em nosso País no campo de educação popular, especialmente em áreas subdesenvolvidas.
2. Representa o assumir, nos diferentes pontos do País, da responsabilidade pela educação do povo, independentemente da ação governamental.
3. Representa a possibilidade de levar a educação a áreas em que a escola convencional atinge com dificuldades.
4. Representa a formação de pessoal técnico diretamente nas regiões mais carentes, contribuindo para a criação de grupos especializados em educação de adultos, de grande importância no Brasil de hoje.
5. Representa um trabalho respeitado dentro e fora do País, pelos resultados alcançados, pela atitude crítica face à realidade, pela criação de recursos didáticos próprios e adequados às condições brasileiras.
6. Representa um esforço de realizar um trabalho educativo com recursos limitados, mantendo ao mesmo tempo resultados compatíveis com o investimento realizado. O custo per capita do trabalho é dos mais baixos do País.
7. Representa uma obra de integração nacional das mais importantes num País com as dimensões territoriais do Brasil.



MOVIMENTO  
DE  
EDUCAÇÃO  
DE  
BASE

UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA

Transcrevemos na íntegra o Relatório  
enviado pelo Sistema de Educação de  
Base de Propriá - Sergipe.

Ressaltamos dois momentos importantes da  
Assessoria Educativa:

1) Estudo de Área através da observação  
participante na vida da comunidade co  
mo fase preparatória do Treinamento  
de Base.

2) Treinamento de Base reunindo em horá-  
rio livre membros de uma comunidade.

Atividade: - Encontro com os alunos da Escola Radiofônica e a comunidade de Ponto Chique.

Participantes: - Alunos da E.R. e pessoas da comunidade.

Duração: - 10 a 12 de setembro de 1970

Objetivos: - Irradiação dos trabalhos comunitários.

## ESTUDO DA ÁREA

### 1º Dia

As visitas domiciliares durante o dia tinham por objetivo o relacionamento com o pessoal, angariar dados concretos alusivos a vida da comunidade e convidar o pessoal para um bate-papo.

Descobertas:

### Setor Econômico

- A maior parte dos moradores cultivam em terras dos grandes proprietários, recebendo a mata virgem e devolvendo já em capineira; ainda estes têm que trabalhar alugado porque a renda não dá para a manutenção.
- A minoria trabalha a semana toda como diarista, percebendo: os homens - Cr\$ 3,00 e as mulheres - Cr\$ 2,00 o dia. Estes não se submetem as exigências dos proprietários, em se tratando de aceitar as condições impostas para terem sua própria roça, embora vivam miseravelmente porque o aluguel é a única fonte de renda.

• Principais culturas:

mandioca, algodão, além do milho, feijão e abóbora.

Setor comercial

Os produtos são vendidos na feira de Aquidabã e Graco Cardoso, levando os produtos em um caminhão que faz a linha nos dias de feira, pagando Cr\$ 0,50 por cada passageiro e por cada volume.

Alguns que têm animais, utilizam-nos como transporte. Dificilmente aparecem intermediários.

Um dos bodegueiros faz o comércio da seguinte maneira: vende a crédito, exigindo como pagamento, dias de serviço correspondente a importância a receber, mantendo a diária local: homens - Cr\$ 3,00 e mulheres Cr\$ 2,00 o dia.

Um elemento da comunidade que negocia com peles de animais de caça, adquiridas pelos próprios caçadores da comunidade, o qual serve de intermediário, vendendo em Salvador.

O feitor de uma fazenda, como uma pequena minoria que tem algumas cabeça de gado, vendem o leite na fábrica pelo preço mínimo de Cr\$ 0,18 e estão revendendo aos moradores para alimento dos filhos menores por Cr\$ 0,40 o litro.

Justificam que na fábrica entregam o leite e recebem o pagamento semanalmente, como também quem vai comprar, paga imediatamente.

Setor Educacional

Só existe uma professora municipal, ensinando pela manhã e a noite pela E.R. Todavia, existe uma distância entre ela mesma e a comunidade.

### Observações

- O povo sabe que não é formada, não tendo sequer o curso primário completo.
- É a única pessoa da comunidade que não trabalha em roça e quando sai à rua, cobre-se para não se queimar.
- Utiliza ainda a palmatória.
- Durante o horário da aula, designa os alunos para cuidar dos filhos pequenos.
- É única professora triste, não faz recreação com os alunos.

### Setor Religioso

O povo acredita em Deus, mas valorizam o feitiçismo, atribuindo, inclusive, loucuras e mortes de algumas pessoas a trabalhos feitos contra as mesmas.

### Setor de Higiene e Saúde

As condições são precárias, não existe sanitários e a água é acumulada em barreiros, na época das chuvas, para depois beber.

Dela bebem as pessoas e os animais. A roupa é lavada com duas a três léguas de distância.

### Setor Social

Somente os homens têm liberdade de participar de festas, não permitindo que as mulheres e filhos dançam.

A comunidade rejeita as duas meretrizes, vivendo estas, miseravelmente, chegando a não encontrar trabalho devido a sua posição.

## Observações

Com o aviso pelo rádio que uma supervisora passaria uns dias com eles, os alunos se preocuparam com a manutenção da mesma. Portanto durante o dia, traziam verduras, cereais, leite e água, mesmo a supervisora esclarecendo que não era necessário, continuaram trazendo.

Durante as visitas domiciliares, observamos a ansiedade de todos, em saber o que era o MEB e o que estávamos fazendo, chegando, inclusive, um homem a perguntar:

- . O que veio pedir ao povo ?
- . O que veio dar ao povo ?

## TREINAMENTO DE BASE

### À noite - 1º Dia

Após a aula, como já estavam presentes pessoas da comunidade, cantamos: "Vamos camponês amigo", para que o pessoal ficasse a vontade.

#### Assuntos:

- Origem e finalidade do MEB
- A responsabilidade de cada aluno diante da comunidade.

#### Técnica:

- Exposição e assembléia

#### Conclusões:

O elemento que havia perguntado o que era o MEB falou que se o objetivo era aquele, a comunidade receberia o MEB com a melhor boa vontade possível.

Terminada a reunião, fizemos diversas brincadeiras, sendo bem aceitas não só pelos alunos como pelos próprios pais.

## ESTUDO DA ÁREA

### Segundo dia

Durante o dia, as visitas domiciliares tinham por objetivo, não somente solidificar a confiança e a amizade de todos, como também colher dados concretos sobre a comunidade.

Ex.: Como surgiu o povoado ?

Quantas casas, etc.

## TREINAMENTO DE BASE

### À noite

Durante a aula, a interpretação da leitura Petrobrás, onde pessoas da comunidade participaram.

Após a aula, contando com um maior número de participantes, estudamos a comunidade.

#### Técnicas:

- Audio-visual

Revisão do dia anterior, fazendo-os narrar.

Através de desenhos da comunidade, os participantes foram descrevendo tudo o que existe na comunidade:

53 casas residenciais, 4 casas de farinha, sendo que duas têm motor, 3 bodegas, uma delas tendo sinuca, 1 igreja, 1 grupo escolar, 1 fábrica de manteiga.

#### Grupos naturais:

A bodega do Sr. Zacarias é a mais frequentada, apesar da do Sr. Eronildes ter o sinuca.

Maiores problemas sentidos por eles:

- Sêca - no verão, andam 2 a 3 léguas a procura de água.

- Doenças
- A terra é ruim, o adubo é a formiga.
- Falta de terra para trabalhar.
- Falta de transporte para levá-los aos hospitais.

O que a comunidade tem de melhor:

- A festa de Rei porque vem muita gente.
- Sindicato porque dá direito a consulta.
- A parteira local (embora seja por coragem).

Quanto a religião, de um modo geral todos creem em Deus, mas acreditam em xangô e em rezadeiras. Muitas vezes tratam-se das doenças, através destas crenças.

A maior parte dos adultos não sabe ler, mas deseja que os filhos aprendam e que tenham uma professora formada.

Como surgiu a pergunta pelo supervisor, como teve início aquêlo povoado e se sempre teve êste nome, Ponto Chique. Como não souberam responder, foi dito pelo mesmo, o histórico, ficando todos admirados e foram completando alguma coisa.

Terminado o estudo da comunidade, fizemos diversas brincadeiras, já algumas apresentadas por êles.

### TREINAMENTO DE BASE

#### Terceiro dia

Revisão do dia anterior, sempre um elemento que tinha assistido ia narrando.

Exposição de cartazes sôbre grupalização.

Técnica - Assembléia e exposição de cartazes.

Em um cartaz estava escrito todos os problemas por êles apontados e, no outro, tudo o que existe de bom na comunidade.



Analisando o primeiro, viram que o maior problema era água e resolveram estudar a melhor maneira de solucionar.

Admitiram que o prefeito nada faz e para uma solução tinham que se dirigir a entidade encarregada do problema.

Logo, seria o DNOCS, cujo nome já diz: Departamento Nacional de Obras Contra a Sêca, seria o indicado. Todavia, ficamos encarregados de voltar no dia 24 do corrente para dizer onde é o escritório do referido órgão porque marcaram o dia 27 do mesmo mês para ir a Aracaju.

/ac.

M.

P.1  
Cx.

UN

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE  
Rua São Clemente, 385 - RIO  
03/71 - 100

UMA EXPERIÊNCIA DE TREINAMENTO

DE

ANIMADORES RURAIS

(II Treinamento de Animadores de Cooperativas -  
Convênio MEB-PI-SUDENE)

## I - INTRODUÇÃO

O trabalho educativo do MEB visa sobretudo levar o homem rural a se inserir num processo de auto-educação. Inserção que se concretiza numa participação efetiva nos problemas de sua comunidade. Esta participação é garantida pelo desenvolvimento da vida em grupo, onde cada elemento desempenha a sua função, assume responsabilidades e encontra condições de desenvolver sua criatividade. A vida em grupo existe nas comunidades rurais, porém de forma assistemática e sem objetivos definidos. Através da interferência educativa êsses grupos se estruturam em tórno da busca de soluções para os problemas de suas comunidades e visualizam melhor seus objetivos.

Dentro da visão educativa que informa o trabalho do MEB, esta interferência no meio rural pode ser assim definida:

- a) É uma ação junto às comunidades no sentido de oferecer condições que possibilitem o desenvolvimento de grupos.
- b) Estas condições se concretizam em atividades de instrumentalização e capacitação dêsses grupos.
- c) Estas atividades têm um caráter não diretivo, isto é, os próprios educandos assumem a sua educação, cabendo ao MEB a tarefa de assessorá-los tènicamente.

Dentre as diversas formas de assessoria tècnica, que remos destacar os treinamentos para formação e aperfeiçoamento das lideranças rurais.

De um modo geral êstes treinamentos visam a capacitação das lideranças para assumirem em suas localidades as funções de:

- a) Organizar grupos (produtivos, recreativos, de serviços, etc)
- b) Acompanhar o processo de desenvolvimento dêstes grupos.
- c) Preparar instrumentos de contrôle e avaliação do desenvolvimento dos mesmos.

## II - A EXPERIÊNCIA

A experiência que transcrevemos, foi realizada pelo Sistema do MEB/Teresina (Piauí). O treinamento de animadores de cooperativas constituiu uma das tarefas programadas e executadas pela Equipe do MEB/Teresina durante a vigência do Convênio entre este Sistema e a SUDENE em 1970.

Este treinamento foi planejado obedecendo ao seguinte esquema:

- A - Levantamento dos dados preliminares
  - 1. Caracterização dos participantes
  - 2. Estabelecimento de critérios e definição dos objetivos
- B - Determinação do Conteúdo: temas a serem abordados.
- C - Definição da Estrutura de Funcionamento.

### A - LEVANTAMENTO DOS DADOS PRELIMINARES

#### 1. Caracterização dos Participantes

Foram os seguintes os dados colhidos para esta caracterização:

- a) Equipe treinadora ou responsável
  - . 4 elementos da equipe local
  - . 2 elementos da equipe técnica nacional
- b) Número total dos participantes de base
  - . 30 participantes dos Municípios de União, Campo Maior e Regeneração - no Piauí
  - . 01 participantes de Sobral - no Ceará
- c) Composição por sexo e faixa de idade
  - . adultos homens - 14
  - . adultos mulheres - 01
  - . rapazes - 10
  - . moças - 06
  - Total: 31

d) Composição por situação sócio-econômica

- . 14 moradores
- . 15 pequenos proprietários
- . 2 colonos

e) Composição pelas responsabilidades educativas

- . 28 animadores novos
- . 1 animador antigo
- . 2 professores
- . Obs.: Os representantes do INDA-COPERPI-CONTAG, foram responsáveis no treinamento, pela parte de informação sobre: legislação agrária, cooperativismo e sindicalismo, respectivamente. O representante da SUDENE, como os demais, participou da fase preparatória, tendo acompanhado todo o desenvolvimento do treinamento.

f) Composição por nível de instrução

- . 28 alfabetizados (lêem e escrevem)
- . 3 semianalfabetos

2. Estabelecimento de critérios e definição dos objetivos

a) Critérios Estabelecidos

- . Partir de situações-problema
- . Considerar o nível de percepção dos treinandos
- . Considerar a capacidade criadora do grupo
- . Considerar o estágio de submissão

b) Objetivos Definidos

- . Geral: despertar para o cooperativismo
- . Específicos: - oferecer elementos práticos para despertar a consciência do valor do cooperativismo
- oferecer oportunidade concreta para desenvolver a capacidade criadora
- capacitar para elaboração de planos concretos para reforço dos trabalhos cooperativos

- introduzir informações básicas sobre formas associativas de trabalho: cooperativismo, sindicalismo e ainda informações sobre legislação agrária
- colher dados sobre o universo vocabular.

## B - CONTEÚDO: TEMAS ABORDADOS

O conteúdo foi fornecido pelo levantamento das situações-problema vividas pelos treinandos e pela reflexão teórica sobre as técnicas utilizadas:

- a) Expectativas do grupo treinando
- b) Levantamento das situações-problema
- c) Análise dessas situações
- d) Propostas de soluções (informações fornecidas por técnicos de diversos órgãos)
- e) Planejamento

Destacamos alguns desses debates, que foram documentados na forma da linguagem própria do homem rural.

### PRIMEIRO TEMA

- a) Expectativas do grupo treinando

### TÉCNICA

Exposição de alguns participantes que receberam a incumbência de pesquisar este aspecto através da seguinte pergunta: O que é que você pensa que é um treinamento ?

### CONCLUSÕES

As três pessoas escolhidas entre os participantes, apresentaram em assembléia os seguintes resultados:

- Treinamento não é coisa boa
- Não sabemos, só no fim é que vamos saber
- Treinamento é coisa boa

- Ensina a trabalhar junto sem gastar dinheiro
- Aqui estamos juntos para conversar sôbre as comunidades
- Ensina a adquirir terra para a lavoura
- Ensina como arranjar ajuda do Govêrno
- Ajuda a se expressar melhor
- Pode dessa maneira melhor realizar trabalhos
- Ensina o saber que a gente não sabe e a gente ensina o que sabe aos outros
- Não é possível que não seja bom, mas tem gente que pensa que isso é comunismo.

### OBSERVAÇÕES DA EQUIPE TREINADORA

A coleta d'esses dados foi feita na véspera do primeiro dia do treinamento, antes de qualquer contato sôbre os trabalhos.

O fato de termos coletado êsses dados, através de alguns representantes do grupo, foi bastante positivo, pois, evitou o aparecimento de frases "prontas".

Constatamos ainda, como aspecto positivo, que esta forma de recolher as expectativas, possibilitou, não só o depoimento dos mais inibidos, como também proporcionou àqueles que pesquisaram, a oportunidade de se relacionarem com os demais participantes.

b) Avaliação do primeiro dia de trabalho

### TÉCNICA

Juri simulado: ataque, defesa e juiz

### CONCLUSÕES

Dentre os treinandos, foram escolhidos, por êles mesmos, quatro pessoas para fazer a avaliação do dia, mediante a técnica do juri simulado. Dois elementos, entre êles, foram escolhidos para ficar na posição de ataque e outros dois para fazer a defesa. Um elemento da equipe treinadora fêz o papel de juiz.



## ATAQUE

- Treinamento não é coisa boa, não. Isso aqui é besteira. O que foi que a gente aprendeu aqui? Nada. Saimos de casa, deixando a roça e viemos prá cá passar o dia sentado. O que foi que nós fizemos aqui hoje? Nada. Como é que a gente vai dar comida ao nosso pessoal com isso aqui, se não ganhamos nada até agora? Vá comer a custa de estudo que você "se lasca"! Ninguém bota pesquisador, relator, e o "diabo a quatro" na panela não. Ah! comer carne? Quando chegar lá já estou mal acostumado. "De que serve a gente ficar aqui, neste "lenga-lenga"? De que é que serve a gente aprender também? Não serve de nada. O dinheiro é a mola do "mundo".

## DEFESA

- Bom, aqui se aprende. Não tenho nada que dizer. É melhor passar o dia "assentado". Como é que a gente pode aprender, senão assim! O treinamento abriu a vista da gente que é cega. Sempre trabalho na roça e nunca fiz nada, e aqui estou aprendendo algumas melhoras prá quando eu chegar lá "fazê" o "trabaio" da roça mais fácil. E vocês não vão botar os "fios" de vocês no estudo não? Vocês sabiam que aqui não prestava e por que vieram prá cá? Serve prá muita coisa. A gente aprende muita coisa. É nada, rapaz. Dinheiro não traz força não. A união é que se precisa prá gente viver melhor.

## OBSERVAÇÕES DA EQUIPE TREINADORA

- a) O nível de percepção dos treinandos não permitiu que a técnica atingisse seu objetivo (avaliação do dia).
- b) A argumentação se manteve em torno da participação de camponeses em atividade deste tipo.
- c) Devemos usar este tipo de técnica com explicações mais detalhadas.
- d) A técnica revelou-se útil, uma vez que possibilitou o uso da argumentação, isto é, ensinou a discutir, retomar pontos em suspenso, contrapor, justificar etc. Em resumo: encaminhou o desenvolvimento do pensamento lógico.

e) Observando o resultado dos debates notamos que o assunto discutido, na realidade era o que tinha maior significação para os participantes. Eles estavam divididos internamente entre o desejo de participar do treinamento, intuindo o valor que isso tem; e o fato de ter de deixar a roça, na época da chuva. Acreditando e desacreditando ao mesmo tempo. A flexibilidade em aceitar a fuga do assunto pré-estabelecido foi importante, uma vez que se pretendia aproveitar todos os dados fornecidos pelos treinandos.

## SEGUNDO TEMA

a) Levantamento e análise das situações-problema

### TÉCNICA

- a) Pequenos grupos respondendo a seguinte pergunta: Quais as dificuldades que mais preocupam a sua comunidade?
- b) Phillips respondendo a seguinte pergunta: Porque existem essas dificuldades?

### CONCLUSÕES

Em assembléia, os grupos apresentaram os seguintes resultados, em cartazes elaborados por eles mesmos:

- . falta de socorro médico e higiene
- . falta de ajuda do Governo nos trabalhos da lavoura
- . falta de água
- . falta de compreensão
- . falta de união: uns querem, outros não. Povo não quer acôrdo para formar comunidade de roça
- . falta de transportes
- . falta de escola para adultos
- . falta de terra para a lavoura
- . falta de professôres
- . falta de líderes para fazer com que o povo chegue as reuniões e meios melhores
- . renda alta

- falta de orientação e conhecimento dos trabalhos comunitários
- falta de técnica
- falta de grupo escolar

Distribuídos em sete grupos, os participantes chegaram as seguintes conclusões:

- porque falta união do povo
- falta terra
- falta orientação há mais tempo, do povo mais esclarecido
- falta líderes nas comunidades rurais
- falta ajuda do Governo
- falta recursos financeiros
- o Governo encarar, agir o suficiente para que se possa resolver - botando gente para nos ensinar, levantar
- falta conselho para o pessoal, força de vontade e falta de organização para trabalhar juntos.

#### OBSERVAÇÕES DA EQUIPE TREINADORA

Sentimos que as técnicas usadas - pequenos grupos e philips, para levantamento das situações-problema e conhecimento de suas causas, deram bons resultados, pois permitiram a objetividade nas discussões e rapidez nos debates. A organização dos resultados apresentados em cartazes, ofereceu a oportunidade de reflexão e desenvolvimento do espírito criativo.

Vale ressaltar que a análise das causas das situações-problema não estava prevista no programa do dia. Surgiu como uma exigência do grupo.

#### TERCEIRO TEMA: Propostas de soluções

- a) Descoberta e apresentação dos trabalhos que já estão sendo realizados para enfrentar as dificuldades na comunidade

#### TÉCNICA

Pequenos grupos

## CONCLUSÕES

Em forma organizada, os grupos apresentaram as conclusões do estudo em conjunto, sobre as dificuldades e os trabalhos que estão sendo realizados na comunidade.

## RESULTADOS

| <u>Dificuldades</u> | <u>Trabalho</u>   |
|---------------------|---|
| . falta de água     | . construção de uma barragem em Corredores  |
|                     | . construção de um açude (Socorro)  |
| . falta de terra    | . comunidade discutindo uma maneira de comprar a terra (Santo Antônio)  |
| . falta de união    | . roça comunitária (Centro, Zundão dos Camilos, Lagoinha, Nazaré, Sítio, Mulato, Campo do Meio, Socorro e Zundão dos Binhas)  |
|                     | . reunião para acôrdo e ajudar uns aos outros para melhorar a situação (Nazaré, Conceição, Mulato, Zundão dos Camilos, Sítio, Lagoinha, Campo do Meio, Corredores, Lagoa Grande, Zundão dos Binhas) |
|                     | . construção e melhorias de casas (Sítio, Lanchinhas e Buriti Alegre)   |
|                     | . Construção de uma sede para reuniões (Nazaré, David Caldas, Lanchinhas e Corredores)  |
|                     | . Casa de farinha comunitária (Sítio)   |

- |   |  |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>. falta de líderes</li> </ul>              | <ul style="list-style-type: none"> <li>. participação em treinamento de líderes, com orientação do MEB para resolver esta dificuldade (Boqueirão, Bela Fonte, Corredores, São Joaquim e Melancia)</li> </ul> |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>. falta de escolas</li> </ul>              | <ul style="list-style-type: none"> <li>. Construção do prédio para a casa da escola (Centro do Sítio)</li> </ul>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>. falta de recursos financeiros</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>. caixa comunitária, cooperativas de consumo e "troca de dias" (Lanchinhas, David Caldas e Nazaré)</li> </ul>   |

b) Experiências de trabalhos concretos

1. Apresentação do trabalho realizado pela comunidade de Lanchinhas (Sobral), Caixa Comum, com tôdas as etapas alcançadas e as dificuldades encontradas e superadas pela comunidade.

TÉCNICA

Dramatização

1ª Etapa

Descoberta das dificuldades - por uma pessoa - motivada pela exploração.

2ª Etapa

Contato com um grupo de seis pessoas apresentando o seu pensamento e preocupação pelo problema levantado. Os outros já sentiam também o mesmo problema. Combinaram que cada um, depois, ficaria de conversar com outras pessoas, para saber se o problema era sentido por todos. Acertaram também o dia de apresentarem o resultado da conversa com as outras pessoas da comunidade. Chegando a conclusão de que o problema era ge-

ral, começaram então, a estudar como poderiam agir para poder resolvê-lo. Pensaram fazer economia, ao modo de uma caixa comunitária.

### 3ª Etapa

Vinte pessoas se reuniram para falar sobre a caixa e ver qual era a opinião dos outros.

#### Resultado:

- aceitação da idéia de começar a caixa comum, mostrando a necessidade de uma lista com o nome das pessoas que desejavam se associar;
- combinado o pagamento de uma taxa de acordo com as condições de cada um;
- marcaram outra reunião para registrar a sociedade na sede, levando na ocasião, mais pessoas.

### 4ª Etapa

- nova reunião para apresentação da primeira quota para início da caixa: 29 pessoas associadas;
- escolha de uma pessoa para Presidente e outra para Tesoureiro.

2. Exposição do trabalho realizado pela comunidade de Socorro - Campo Maior - Piauí.

## TÉCNICA

### Exposição

O expositor procurou focalizar a sua comunidade desde a origem até os nossos dias.

### Origem:

Alguns líderes rurais, do Município de Campo Maior, em razão da condição de sindicalizados, foram expulsos das propriedades onde moravam e trabalhavam. Ficaram de "cacos na cabeça". Foi então que, sob a iniciativa de um deles, reu-

niram-se para formar uma comunidade de trabalho. Eram nove famílias, somando ao todo, sessenta e duas pessoas.

Com a ajuda do Vigário de Campo Maior, compraram, a prestação, 111 ha. de terra, por Cr\$ 400,13 dando Cr\$ 154,00 de entrada. (O Vigário de Campo Maior emprestou a entrada e avalizou o restante a pagar).

Ao mesmo tempo que realizavam o trabalho da lavoura, começaram a levantamento das casas de morada. Escolheram o terreno para a roça e dividiram-no em 10 pedaços de 10 linhas, os quais depois de numerados, foram sorteados, cabendo um pedaço para cada família, e um para o fundo comunitário. O trabalho é feito sob forma de ajuda. O pedaço destinado à comunidade é cultivado por todos.

### Realizações:

- pagamento da terra
- construção das casas de moradia
- construção da casa para funcionamento da escola
- construção da casa de farinha e aquisição do respectivo a viamento
- escola radiofônica para adultos
- construção de um poço com bomba tubular
- roça comunitária
- formação de um grupo de senhoras e moças
- curso de corte e costura
- posto de fornecimento (início de uma cooperativa)
- construção de um açude
- experiência com terra arada
- projeto de horticultura.

### Ajudas Recebidas:

- Paróquia de Campo Maior
- Arquidiocese de Teresina
- SUDENE
- Prefeitura de Campo Maior
- ANCAR
- Produção Mineral

## OBSERVAÇÕES DA EQUIPE TREINADORA

A técnica da dramatização, devido não ter sido bem encaminhada, não apresentou todo o resultado esperado. O grupo não soube se conduzir dentro da técnica, tornando-se um tanto artificial e quebrada na espontaneidade do assunto (esta técnica foi empregada apenas na apresentação da primeira experiência).

Constatamos, porém, que o assunto interessou bastante ao grupo. Não obstante a falha no encaminhamento da técnica, sentimos que os participantes entenderam a mensagem da experiência comunitária. Sentimos no expositor da segunda experiência, grande capacidade de síntese, unidade e espontaneidade na apresentação do assunto.

Consideramos tôdas essas experiências com possibilidades de serem aproveitadas como sugestões para outros trabalhos comunitários.

c) Informações sôbre sindicalismo e cooperativismo

### TÉCNICA

Dramatização e assembléia

### CONCLUSÕES

#### Sindicalismo

A dramatização apresentou o caso do despejo de um morador pelo patrão. Depois, o expositor procurou levar o grupo a entender o sindicalismo como um meio do trabalhador se unir para resolver um problema dêste tipo.

Partindo das situações-problema levantadas no dia anterior pelos participantes, o representante da CONTAG tentou aprofundar o assunto. Em cada situação-problema introduziu a informação sindicalista.

1. Falta de Socorro Médico e Higiene: foram dados esclarecimentos sôbre a existência e funcionamento do Fundo de Assistência do Trabalhador Rural (FUNRURAL). Obrigações do Sindicato no encaminhamento do trabalhador ou seu dependente.



2. Falta de ajuda do Governo nos trabalhos da lavoura: foram esclarecidos que o sindicato é o único órgão de classes com condições jurídicas para reivindicar tudo do Governo em favor da classe que o representa.
3. Falta de água: foi apresentada a necessidade de participação do trabalhador (associado) na assembléia do Sindicato levando todos os problemas da sua comunidade.
4. Falta de líderes para fazer com que o povo chegue as reuniões e meios melhores: para esta situação, foram citados exemplos, sugestões, realização de encontros na comunidade, buscando descobrir novos líderes desejosos de luta pela solução dos problemas da comunidade.
5. Falta de grupo escolar: falou-se na existência do PEBE (Plano Especial de Bolsas de Estudos) como conquista dos trabalhadores; obrigação do sindicato em manter escolas de alfabetização e pré-vocacionais; reivindicações ao Governo para nomeação de professores, construção de prédios escolares, etc.

#### Cooperativismo

Lançada a pergunta ("o que é uma cooperativa?") pelo expositor - representante do COPERPI - as pessoas do grupo participante deram as seguintes respostas:

Cooperativa é:

- cooperar com o outro
- base para o homem do campo
- vender e comprar mais barato
- grupo de pessoas se ajudando
- grupo de pessoas que trabalham em sociedade
- benefício para os trabalhadores
- única solução para resolver o problema do lavrador
- pessoas se ajudando para resolver seus problemas

Depois de haver colhido as diversas opiniões levantadas - o expositor - iniciou a sua exposição partindo dos "mandamentos" de uma cooperativa:

- 1º - pessoas podem entrar e sair - numa cooperativa - quando quiserem;

- 2º - há divisão proporcional da sobra de acôrdo com o trabalho de cada um;
- 3º - juro proporcional ao capital;
- 4º - educação para os filhos dos sócios;
- 5º - tem acesso qualquer pessoa, sem preconceito de côr, religião, etc.;
- 6º - contrôle democrático.

- Obrigação e direito de um associado:

- vender tôda a produção para a cooperativa;
- ser fiel à cooperativa;
- comparecer a tôdas as reuniões;
- decidir tudo em reunião.

- Condições para a fundação de uma cooperativa:

- juntar, no mínimo, 20 pessoas para se associarem;
- preparar papéis e estatutos e encaminhar para o INDA e COPERPI.

#### OBSERVAÇÕES DA EQUIPE TREINADORA

##### a) Sôbre o Sindicalismo

Nesta parte, apesar do assunto em questão não ter sido aprofundado suficientemente, dado a limitação do tempo, constatamos ter despertado o interêsse do grupo, revelando-se através de perguntas e solicitações de esclarecimentos, ao expositor.

Vale ressaltar ainda a facilidade de comunicação do expositor com a assembléia, facilitando a percepção da mensagem da informação transmitida.

##### b) Sôbre Cooperativismo

Esta exposição de modo geral, despertou o interêsse dos participantes preocupados em anotar os pontos levantados e motivados pela sêde de informações. Partindo desta constatação, sentimos a necessidade de proporcionar ao grupo novas descobertas através de outras informações.

Vale ressaltar, nesta exposição, o esforço realizado pelo expositor, no sentido de usar uma linguagem acessível aos treinandos na exposição informativa.

#### QUARTO TEMA

##### a) Planejamento

#### TÉCNICA

Pequenos grupos respondendo à seguinte pergunta: Depois de tudo que foi discutido no treinamento, que coisas vo cê pensa fazer na sua comunidade ?

#### CONCLUSÕES

##### Resultados:

Plano específico para cada localidade, considerando o plano elaborado pelos participantes do treinamento anterior.

##### Grupo A

- fazer reuniões e explicar o que aprendeu no treinamento (Corredores)
- reunir o pessoal e explicar como trabalhar no serviço comunitário (Cajueiro)
- explicar o que é sindicato e cooperativa
- conversar sobre o trabalho da comunidade e convidar o povo para fazer trabalho comunitário (Conceição)

##### Grupo B

- procurar falar com o povo para ver se faz um trabalho comunitário (Melancia)
- dizer o que foi o treinamento, os trabalhos e ouvir a opinião deles para dar um trabalho de união (David Caldas)
- usar os conhecimentos adquiridos para os trabalhos comunitários (Zundão dos Camilos)

- . reunir o povo e explicar o que aprendeu nesse treinamento, apresentando as vantagens e direitos (Socorro)
- . orientar o povo para uma associação no sindicato (Santo Antônio)

#### Grupo C

- . reunir o pessoal e dizer o que aprendeu aqui (Zundão dos Binhas)
- . fazer uma escola e uma roça comunitária (Centro do Sítio)
- . entrar em contato com os companheiros para trabalhar no serviço comunitário (Sítio)
- . reunir o pessoal e orientar sôbre o que aprendeu no treinamento (Nazaré)
- . reunir o pessoal e fundar uma cooperativa (Zundão dos Binhas)
- . fazer uma roça comunitária (Lagoa Alegre)

#### Grupo D

- . participar das reuniões e orientar o povo (Nazaré)
- . orientar o povo da comunidade (Conceição)
- . fazer com que todos participem das reuniões (Lagoinha)

#### Grupo E

- . reunir o pessoal e fazer com que eles se comuniquem (Boqueirão)
- . fazer uma escola e arranjar uma professora (Cajueiro)
- . reunir o povo para explicar o que aprendeu no treinamento (Campo do Meio).

#### OBSERVAÇÕES DA EQUIPE TREINADORA

Levando em conta o plano de trabalho dos participantes do primeiro treinamento, também os participantes do segundo treinamento, elaboraram planos como reforço aos trabalhos cooperativos.

Os representantes de comunidades - que ainda não desenvolvem trabalhos cooperativos - tiveram também a oportunidade de se capacitar neste sentido.

Houve algumas dificuldades nesta parte, em razão de muitos desconhecerem o plano de trabalho elaborado no treinamento anterior por outros membros das mesmas comunidades.

#### QUINTO TEMA

a) Avaliação final dos participantes

#### TÉCNICA

Assembléia

#### CONCLUSÕES

Foi distribuída uma ficha para cada participante avaliar o treinamento como um todo, respondendo às seguintes questões:

- 1 - Escreva o que você aprendeu neste treinamento que vai lhe ajudar no trabalho de sua comunidade.
  - aprendi muitas coisas;
  - conheci o pessoal que não conhecia;
  - conheci o que é sindicato - modo de obter nossos direitos
  - aprendi o que é cooperativismo
  - a trabalhar unido
  - a aproveitar as idéias dos companheiros
  - orientação sobre Estatuto da Terra
  - como é treinamento, uma reunião na comunidade onde a gente mora
  - o que é serviço comunitário, e como se trabalha nesse serviço
  - como me sindicalizar e encaminhar os outros
  - as "leis da educação" para dizer aos outros quando chegar lá
  - fazer reunião, o trabalho de minha comunidade, dar alguma explicação para todos se unirem e trabalhar para a comunidade ser bem organizada
  - tratar os companheiros como se fossem irmãos
  - sobre planejamento de trabalhos comunitários

- como se funda uma cooperativa
- boa educação e como ajudar os outros
- organizar as coisas que tem necessidade
- como a gente trabalha roça comunitária

2 - No treinamento você aprendeu a trabalhar em grupo? como ?

- através dos ensinamentos como se reunir as pessoas e conversar sôbre o serviço comunitário
- penso em discutir e concordar em todos os trabalhos que os companheiros quiserem construir, aproveitando a opinião que seria melhor
- fazer reunião para "nós ver" qual o serviço mais necessário
- quando chegar na minha comunidade vou botar tudo na cabeça.
- aprendi como é "unição" (1) e como é treinamento:
- aprendi a ter lição de quando os outros "tiver" falando eu escutar e não tomar a palavra dos outros
- ouvindo a opinião dos companheiros, dando a minha também e assumindo a responsabilidade

3 - Mostre pelo menos cinco vantagens e cinco desvantagens deste treinamento.

#### Vantagens:

- gostei dos treinadores
- gostei dos colegas
- gostei dos visitantes
- gostei da comida
- gostei do estudo porque a gente aprendeu
- trabalhar juntos com os outros
- meios melhores para o trabalho comunitário
- bom entendimento de como melhorar a minha situação e a dos outros
- não conhecia o que era treinamento, hoje já conheço
- conhecer outras pessoas que nunca esperava
- indenização de Cr\$ 10,00 (reposição da jornada de trabalho)
- as brincadeiras

(1) "União" = União.

- conheci gente da Itália
- tive oportunidade de falar com Dom Avelar
- modo do padre chamar a gente para a missa e a comunhão
- ter chegado aqui sem saber de nada e agora saber alguma coisa
- levar saudade de todos

Desvantagens:

- o pessoal conversava atrapalhando os outros
- eu não saber responder às perguntas que me perguntavam
- não aprendi tudo que foi esclarecido
- zuada na hora da refeição
- não gostei das explicações do Santana
- ficar no escuro um bom pedaço.

4 - Que coisas deste treinamento. você gostaria que tivesse noutro treinamento ?

- sentido de cooperativismo
- sobre sindicalismo e estatuto da terra
- outros assuntos, porque êstes nós já sabemos
- orientação de outras leis
- os mesmos assuntos
- alimentação boa como houve neste
- outras orientações de mais alto grau e mais novas
- missa e mais folga e uma diária melhor.

5 - Escreve o que você quiser sobre o treinamento.

- o treinamento foi bom
- nunca esperei vir para uma reunião dessa e fiquei satisfeito com isso
- gostei muito da tarde de folga
- treinamento é um direito mais certo que melhora os meios de vida para o lavrador e os meios de trabalhar na comunidade
- aqui a gente tomou conhecimento de pessoas de outras comunidades, de outros Estados e até do estrangeiro

- arranjei mais amigos. Brinquei. Cantei muito. Gostei das dramatizações reais da vida do trabalhador
- o treinamento é uma ótima educação, pois além de nos ensinar a trabalhar juntos dá um grande elogio aos agricultores - facilitando o trabalho tanto nas roças como em qualquer construção, obedecendo a opinião dos outros companheiros, para tudo ficar claro
- fiquei conhecendo muitas pessoas do Município de Campo Maior, União, também as cariocas e italianas
- viva todos os professores. Uma salva de palmas para todos.

### C - ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO

A estrutura de funcionamento do treinamento foi definida de forma a estar estreitamente vinculada ao conteúdo do mesmo. Assim, a atividade foi planejada de maneira a dar aos treinandos, condições concretas de exercitar a cooperação, a criatividade, o raciocínio crítico etc.. Fundamentada na teoria da dinâmica dos grupos, a equipe treinadora utilizou técnicas de trabalho que proporcionaram ao grupo treinando oportunidades de refletirem sobre o trabalho em grupo.

Desta maneira foram divididas equipes de trabalho que assumiram responsabilidades diversas durante a atividade.

Transcrevemos a seguir a forma pela qual a equipe treinadora conseguiu levar o grupo a descobrir as necessidades que precisavam ser respondidas enquanto durasse o treinamento.

#### Atividade 1:

##### CONTEÚDO

Paralelo do grupo treinando com uma comunidade, evidenciando os papéis sociais desempenhados pelas pessoas, com o objetivo de introduzir a necessidade de distribuir tarefas entre todos.

##### TÉCNICAS

Assembléia e pequenos grupos respondendo à seguinte pergunta: Que responsabilidades devem ser distribuídas entre as pessoas presentes, para que o treinamento funcione bem ?



## CONCLUSÕES

O expositor, na medida em que solicitou da assembléia a descrição dos papéis sociais desempenhados pelas pessoas nas comunidades, fêz um paralelo com a situação do grupo que os treinandos estavam vivendo, onde existiam necessidades que precisavam ser atendidas para que o treinamento funcionasse satisfatoriamente. Detalhando: tomamos como exemplo uma comunidade rural, onde existem: pedreiro, vaqueiro, barbeiro, etc.. A partir daí, levamos o grupo a refletir sobre as necessidades que deveriam ser atendidas durante o treinamento.

Como conclusão, obtivemos a formação de nove equipes de trabalho que se responsabilizaram em desempenhar as tarefas necessárias, levantadas por todos.

### 1. Equipe Organizadora - que tinha por objetivo:

- . arrumar a sala de reuniões
- . fazer asseio nos quartos de dormir
- . fazer asseio na sala de recreação
- . fazer asseio nos sanitários
- . fazer asseio na sala de refeições
- . verificar se tem água nas pias e torneiras

### 2. Equipe Servidora - com os seguintes objetivos:

- . servir a mesa
- . fazer a fila para a hora das refeições
- . encher as garrafas da geladeira
- . trabalhar na parte de alimentação

### 3. Equipe Avisadora - tendo por objetivos:

- . dizer ao grupo o que se vai fazer durante o dia
- . bater a sineta nas horas certas

### 4. Equipe Disciplinadora - com objetivos de:

- . fazer a parte de crítica
- . dizer para o grupo as faltas dos participantes e da equipe treinadora

- . fazer ciente aos participantes quando houver alguma coisa que não esteja bem
5. Equipe Animadora - com o objetivo de:
- . fazer a recreação diária
  - . aprender e ensinar os cantos
  - . fazer brincadeiras à noite para alegrar à turma
6. Equipe Pronto-Atendimento - com o objetivo de:
- . ser enfermeira para os doentes
  - . providenciar remédios e outro material
7. Equipe Relatora - com o objetivo de:
- . relatar os trabalhos do dia
  - . escrever os resultados dos grupos
8. Equipe Estimadora - com o objetivo de:
- . apresentar ao grupo os visitantes ao treinamento
  - . fazer com que os participantes se conheçam mais
  - . procurar fazer amizade entre todos
  - . elogiar as coisas boas
9. Equipe Pesquisadora - com o objetivo de:
- . procurar saber das pessoas as opiniões sobre:  
- assuntos tratados.

#### OBSERVAÇÕES DA EQUIPE TREINADORA

A forma como foi introduzida a idéia, levou em conta o nível de percepção dos educandos, ou seja, o fato de serem os treinandos pessoas que raciocinam a partir de fatos concretos e não de abstrações.

É importante notar que, a descoberta, a distribuição de tarefas e discussão do horário, foram atividades realizadas pelos treinandos. A equipe treinadora, apenas, auxiliou com algumas sugestões. Com este trabalho a equipe treinado-

ra considerou um dos objetivos previstos - despertar a capacidade criadora - dos treinandos que por si mesmos fizeram uma associação entre as tarefas que realizam na comunidade e aquelas necessárias à realização do treinamento.

Observe-se que nem sempre as denominações das equipes de trabalho correspondem ao que realmente define a tarefa.

Entretanto, para o grupo, estas denominações tinham uma significação bem expressiva, pois refletem as suas formas de compreensão das coisas.

Através desta divisão de tarefas, foi possível dinamizar o grupo, proporcionando desta maneira oportunidades concretas de auto-educação através do princípio metodológico ação, grupo, reflexão. Definidas as equipes de trabalho, estas passaram a desempenhar seus papéis que eram avaliados por todo o grupo em cada dia de trabalho.

Transcrevemos a seguir os resultados da avaliação dos trabalhos das equipes, realizados durante o treinamento.

#### Atividade 2:

#### CONTEÚDO

Prestação de contas das equipes de trabalho.

#### TÉCNICA

Philips respondendo a pergunta: vocês acham que a divisão de equipes por tarefas nesse treinamento vai ajudar em alguma coisa, no trabalho comunitário? Como?

#### CONCLUSÕES

##### Grupo - 1

- vai dar bom resultado
- trabalhando juntos e dividindo as tarefas

##### Grupo - 2

- vai ajudar nas reuniões
- se reunindo e trabalhando de acordo com os outros

### Grupo - 3

- ajuda no trabalho comunitário.
- faz as pessoas serem mais pontuais em suas tarefas e terem responsabilidade .
- ensina a trabalhar juntos .
- vê a opinião de cada um
- pensa no trabalho de todos
- a pessoa sabe o que vai fazer

### Grupo - 4

- cada pessoa se responsabilizará por sua tarefa não esperando pelos outros
- uns ajudam os outros
- como nos reunimos aqui para aprender, nos reuniremos lá para trabalhar

### Grupo - 5

- podemos todos ajudar em separação de grupos de trabalho para cada qual fazer um trabalho
- assim o trabalho comunitário vai mais organizado em tarefas, conforme a opinião de todos para o trabalho tornar-se mais fácil.

### Grupo - 6

- vai sim, trabalhando em união com os outros como estamos fazendo aqui
- convém porque dá mais força a comunidade, aproveitando a opinião de todos para resolver os problemas.

### OBSERVAÇÕES DA EQUIPE TREINADORA

A avaliação feita não se prendeu, apenas, aos trabalhos do dia, mas à execução das tarefas pelas comissões durante todo o treinamento.

Os resultados apresentados demonstram a validade da experiência em que todos os participantes não foram meros expectadores, mas assumiram todo o treinamento.

Observamos que a própria estrutura em que foi montado o treinamento - trabalho em equipe, estudo em grupos, etc. - ofereceu elementos práticos para despertar a consciência do valor da atividade cooperativa.

### Atividade 3:

#### CONTEÚDO - Estudo de regras de Dinâmica de Grupo

Além dessas oportunidades práticas a equipe treinadora planejou ainda estudos teóricos sobre dinâmica de grupo com o objetivo de capacitar os treinandos para o trabalho posterior nas suas localidades. Vale salientar que na elaboração destas regras de dinâmica de grupo, a equipe treinadora utilizou o universo vocabular do homem rural, num esforço de comunicação mais profunda com os treinandos.

A denominação de "Leis da Educação" para as regras de dinâmica de grupo, foi do próprio grupo. Este fato, aparentemente pouco significativo, foi de grande importância na compreensão das regras de dinâmica, que foram as seguintes:

#### "LEIS DA EDUCAÇÃO"

- Para conquistar a estimacão da comunidade pelo trabalho em união, o animador precisa conhecer as necessidades e as preocupações dos companheiros.
- No trabalho em grupo você deve assuntar o que os outros dizem. Se você não está de acôrdo, diga a sua opinião para todos.
- Para trabalhar em grupo é preciso planejar e futurar as coisas.
- Quando estiver conversando, aproveite a opinião de seu companheiro, ela é tão importante quanto a sua.
- Quem banca o sabidão age como se os outros tivessem miolo de pote na cabeça.

- Acredite no seu grupo e faça-se amigo de todos.
- Quando uma pessoa estiver falando, fique ouvindo. Depois você fala.
- Toda pessoa tem uma opinião a dar e deve ser respeitada. Se você não concorda, diga porque e aponte outra.
- Não comente assuntos que não estão sendo tratados no estudo em grupo. Assim o grupo trabalhará mais depressa.
- No trabalho em grupo todos devem falar alto para todos e não baixinho, só para uma pessoa.
- Não deixe de dar sua opinião, ela é importante no trabalho em grupo.

\* \* \*

(Resumo feito por Rute Machado Rios)

RR/ac.

M.11

P.1  
Cx.B.

VMI PE

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

Rua São Clemente, 385

02/71 - 70

M.1134

P.1

UNIPER

(2)

MOVIMENTO  
DE  
EDUCAÇÃO  
DE  
BASE

UNIDADES DE SERVIÇO



# UNIDADES DE SERVIÇO

## APRESENTAÇÃO

Este documento apresenta, de forma sistemática, uma descrição sumária das atividades desenvolvidas pelos Sistemas de Educação de Base do MEB.

O critério organizado foi o que chamamos "Unidades de Serviço" - uma atividade que pode ser realizada isoladamente, caso se torne necessário.

Esta organização objetiva melhor caracterização, planejamento e avaliação das atividades, pelo seu caráter de unidade de trabalho. Isto não impede, é claro, que o trabalho de um sistema de educação de base seja, na prática, a conjugação dinâmica e funcional de várias ou tôdas as unidades aqui descritas.

As unidades de serviço são apresentadas, de acordo com o seguinte esquema:

1. Unidades de Serviço de Preparação
  - 1.1 Pesquisa psico-social
  - 1.2 Diagnóstico sócio-econômico
  
2. Unidades de Serviço de Execução
  - 2.1 Escolarização
    - 2.1.1 Alfabetização Radiofônica
    - 2.1.2 Alfabetização Direta
    - 2.1.3 Elaboração de Material Didático
    - 2.1.4 Programação Radiofônica
  
  - 2.2 Grupalização
    - 2.2.1 Formação e/ou aperfeiçoamento de Educadores e Monitores

2.2.2 Formação e/ou aperfeiçoamento de Grupos  
Produtivos

2.2.3 Formação e/ou aperfeiçoamento de Grupos  
Recreativos

2.2.4 Formação e/ou aperfeiçoamento de Grupos  
de Serviços

### 3. Unidades de Serviço de Avaliação

#### 3.1 Avaliação

1. Ministério da Saúde

2. Direção Nacional de Saúde

3. Direção Regional de Saúde

## 1. UNIDADES DE SERVIÇO DE PREPARAÇÃO

São aquelas que, não sendo propriamente um trabalho educativo, preparam terreno para uma adequada atuação educativa.

### 1.1 Pesquisa Psico-Social

Tem como objetivos gerais:

- a) testar e analisar os componentes do processo de ativação comunitária (entendida como "maturação psico-sociológica dos grupos formadores de uma comunidade")
- b) determinar as condições para uma interferência educativa em comunidades e/ou micro-regiões. O produto desta atividade é portanto um diagnóstico psico-sociológico da área pesquisada, o qual servirá para:
  - caracterização do processo de "ativação comunitária" típico da área
  - definição operacional dos momentos fundamentais deste processo:
    - tendência à ativação
    - tendência à estagnação
  - determinação das categorias e critérios para o reconhecimento desses momentos do processo
  - localização dos procedimentos de intervenção no processo ("interferência educativa") através do estabelecimento de hipóteses psico-pedagógicas.

Os resultados da aplicação de uma pesquisa psico-social se fazem notar sobretudo no nível da capacitação das Equipes onde se faz a aplicação, com conseqüente repercussão na produtividade das mesmas.

Como capacitação a pesquisa é um instrumento eficaz para:

- conhecimento das áreas a serem trabalhadas (aspectos de pertinência grupal e ação produtiva)
- elaboração de uma metodologia de interferência educativa em comunidades ativas ou estagnadas
- sistematização das atividades realizadas pelos Sistemas.

Por outro lado, a pesquisa favorece um aumento na produção de trabalho na medida em que torna tecnicamente possível:

- a) atingir áreas mais produtivas para a região
- b) identificar grupos naturais que poderiam tornar-se produtivos
- c) identificar faixas etárias mais sensíveis à mudança
- d) identificar os fatores de estagnação e os de ativação das comunidades
- e) estabelecer prioridades para o trabalho de educação a ser desenvolvido
- f) preparar programas e cursos radiofônicos com base nas expectativas e aspirações das comunidades
- g) identificar as "formas de comunicação" mais eficientes no trabalho de Educação de Base
- h) preparar medidas de avaliação do trabalho.

## 1.2 Diagnóstico Sócio-Econômico

Esta atividade tem como objetivo analisar uma determinada região partindo de indicadores sócio-econômicos, a fim de orientar a preparação e implantação de um trabalho educativo nesta mesma região.

O produto desta atividade concretiza-se num relatório que contém o diagnóstico da micro-região da qual devem constar, com sugestões e procedimentos a serem adotados (prognósticos):

- . dados coligidos em tabelas
- . a metodologia empregada
- . os resultados analíticos conseguidos

O diagnóstico sócio-econômico é atividade básica para o planejamento dos Sistemas. Cabe no entanto uma observação: o diagnóstico sócio-econômico tem sido feito pelos Sistemas em dois níveis distintos:

- . em um nível mais elementar, que chamamos comumente de "Estudo de Área" -realizado por tôdas as Equipes, para preparar o planejamento global de suas atividades.
- . em um nível mais aprofundado, mais completo, no qual caberia melhor a expressão: diagnóstico sócio-econômico e que é aplicado em projetos específicos desenvolvidos por alguns Sistemas.

A partir dos diagnósticos sócio-econômicos as Equipes elaboram critérios para escolha de áreas prioritárias, identificam as formas de associação existentes nas comunidades, colhem elementos de realidade para os cursos radiofônicos etc.

Vale ressaltar que a aplicação da técnica de diagnóstico é um instrumento eficaz de capacitação das Equipes do MEB, dando ao trabalho pedagógico um cunho mais técnico e mais produtivo.

## 2. UNIDADES DE SERVIÇO DE EXECUÇÃO

### 2.1. De Escolarização

#### 2.1.1. Alfabetização Radiofônica

O objetivo fundamental é fornecer ao Monitor um auxílio, através das aulas radiofônicas, para alfabetização de adultos e adolescentes, nas áreas de difícil acesso,

O rádio possibilita o atingimento de um maior número de educandos, porém, sua eficiência é menor, pois o processo de alfabetização é mais lento.

Seu funcionamento está vinculado a dois critérios básicos: que a Escola Radiofônica seja um grupo comunitário que se auto-eduque e que esteja em função dos trabalhos comunitários.

O MEB procura dar ênfase à capacitação de monitores, pois a alfabetização pelo rádio depende fundamentalmente do trabalho do monitor e a assessoria através da supervisão e visitas, o que permite às Equipes estar sempre em contato com as comunidades.

Portanto, a alfabetização pelo rádio tem grande importância pelo instrumental que significa para o homem rural.

#### 2.1.2. Alfabetização Direta

As escolas diretas surgiram inicialmente nos Sistemas em que o rádio não atingia as áreas trabalhadas pelo MEB. Em seguida, algumas Equipes realizaram experiências de alfabetização direta visando testar métodos novos de alfabetização, como uma forma de iniciar e dar continuidade aos trabalhos de grupos comunitários.

A principal característica das escolas diretas é a capacitação mais trabalhada do pessoal voluntário-monitores que são transformados em verdadeiros educadores populares. A escola direta possibilita um maior controle da qualidade da aprendizagem e maior vinculação com os trabalhos de grupos comunitários.

Como o acompanhamento às escolas diretas é mais assíduo, tem sido possível aproveitar experiências de ação grupal nas escolas, elaborando material didático com os próprios educandos, fazendo avaliações das aulas e métodos com os monitores, elaborando textos de acompanhamento etc.

Os sistemas que têm Escolas Radiofônicas e Escolas Diretas, constatam que nas Escolas Diretas a aprendizagem é melhor e o índice de evasão é menor.

### 2.1.3. Elaboração de Material Didático

O principal objetivo é fornecer instrumental para a aprendizagem, para que o Monitor desenvolva o seu trabalho. Desta forma o Material Didático deve ser adequado à atividade educativa, seja alfabetização ou trabalhos de grupos.

O MEB elabora dois tipos de material didático:

- Para alunos
  - Cartilhas
  - Cartazes
  - Livros de leitura
- Para capacitação de animadores e monitores
  - Textos
  - Boletins
  - Guias e manuais do monitor
  - Apostilas didáticas
  - Jornais
  - Cineminhas rurais

Vários sistemas produzem seu material didático com os próprios educandos e a tendência é desenvolver este procedimento, pois a sua utilização é eficiente, uma vez que dá maior continuidade ao processo de aprendizagem e significa também uma elaboração e sistematização do trabalho educativo, como um todo.

### 2.1.4. Programação Radiofônica

A Programação Radiofônica consta de cursos radiofônicos e programas especiais. Seu objetivo é a informação e a formação dos educandos em programas de divulgação, com características de público rural bem amplas, pois atinge a faixa mais

diversa de audiência. A tendência atual é de aumentar os cursos radiofônicos porque as experiências desenvolvidas por alguns sistemas significam um enorme aumento de audiência a partir dos cursos.

Para o trabalho educativo, é de grande importância, pois a ação educativa se completa quando os grupos de audiência (trabalho de extensão) se transformam em grupos produtivos (trabalhos de mudança e de desenvolvimento de comunidades). Os programas especiais são dirigidos à:

- . Monitores
- . Alunos
- . Comunidades

E são de diferentes tipos:

- . Elaborados pela própria comunidade
- . Informativos
- . Recreativos
- . Sócio-culturais



## 2.2. Grupalização

### 2.2.1. Formação e/ou aperfeiçoamento de Educadores Monitores

As várias Unidades de Serviço de Grupalização se diferenciam apenas no resultado obtido com o trabalho. A forma de execução está baseada na dinâmica de grupo, tanto para a formação de pessoal como para aplicação no trabalho de base.

O conteúdo dos treinamentos para formação de pessoal, dos dias de estudo, dos Encontros, das reuniões, dos cursos, varia segundo os objetivos de cada atividade.

A forma dinâmica capacita para a vivência global favorecendo a maior produção, assim como o desenvolvimento de cada indivíduo no grupo.

Os treinamentos de monitores são especialmente dirigidos à formação do pessoal que lida com escolarização no sentido de capacitá-los em didática e nas noções de como lidar com o grupo na Escola, levando-o também a participar na vida da comunidade. Assim a escola não é somente um local onde se aprende a ler, mas um centro comunitário onde o grupo reflete sobre a ação que realiza.

Os treinamentos de animadores, especialmente dirigidos ao pessoal que realiza atividades grupais nas diversas categorias - grupos produtivos, grupos de serviços, grupos recreativos - destinam-se não só às lideranças, mas também aos participantes de trabalhos comunitários.

Os treinamentos feitos nas localidades visam atingir maior número de pessoas, possibilitando oportunidade de reflexão sobre suas necessidades e fornecendo elementos para os grupos elaborarem planejamentos de suas atividades. Desta forma, favorecem à grupalização em torno da ação concreta, descoberta a partir das dificuldades vividas pela comunidade.

O trabalho de grupalização é um esforço para que as populações marginalizadas consigam resolver em grupo problemas que, individualmente, seriam ainda mais difíceis. Treina-

mentos deste tipo significam renovação permanente, repercutindo nas atividades realizadas nas comunidades.

### 2.2.2. Formação e/ou aperfeiçoamento de Grupos Produtivos

Grupos produtivos são aqueles grupos comunitários que com sua ação pretendem obter, a curto prazo, rendimentos nos trabalhos conjuntos, para melhoria das condições locais e a longo prazo um mínimo de desenvolvimento econômico.

De modo geral, estes grupos realizam um trabalho conjunto em atividades tais como:

- . olarias
- . roças comunitárias
- . casas de farinha
- . feira comunitária e outros.

A tendência no MEB é o aumento gradativo na implantação desses núcleos, sobretudo nas áreas mais viáveis, aproveitando o que possa oferecer os convênios com SUDENE, SUDAM e outros órgãos, inclusive internacionais, que aceitem colaborar em pequenos projetos de desenvolvimento. A ajuda financeira é importante, pois o MEB cuida apenas do trabalho educativo. A experiência tem mostrado de forma mais aguda, as dificuldades no trabalho educativo junto às populações completamente marginalizadas do processo de desenvolvimento. Os grupos se iniciam entusiasmados, conseguem percorrer os primeiros estágios, porém cedo ou tarde, encontram a barreira do isolamento. Não há financiamento, não há terra, recaem na tentativa de sobreviver, retomam o nível de grupo de serviço. São tentativas expressivas e realizadas com grande esforço. Se houvesse financiamento para seus pequenos projetos comunitários, sobreviveriam como grupo, além de ter colaborado para o desenvolvimento de sua comunidade.

### 2.2.3. Formação e/ou aperfeiçoamento de Grupos Recreativos

Os grupos recreativos são geralmente criados paralelamente a grupos de serviços ou produtivos a fim de propiciar o lazer como um dos elementos de grupalização e socialização na vida das comunidades.

São também utilizados na abordagem inicial de uma comunidade quando se pretende expandir a área de atuação e se defronta com as resistências normais que as populações têm à chegada de estranhos. Atendem a faixa de idade dos jovens e também se apresentam sob a forma de clubes de mães ou de jovens onde exista alguns trabalhos artesanais.

A tendência é dar continuidade a estes grupos tentando integrá-los também nos serviços.

O grande significado dos grupos recreativos é que na medida em que os participantes se cotizam para realizar competições esportivas, tomam iniciativas, se organizam, etc., torna-se mais fácil a participação e liderança em torno de outros problemas das comunidades, além do lazer.

Os grupos recreativos mais comuns são:

- Clubes de Jovens
- Clubes de Mães e
- Associações Esportivas (futebol, festas, etc.)

#### 2.2.4. Fornação e/ou aperfeiçoamento de Grupos de Serviços

Grupos de serviços são aquêles grupos comunitários que se agrupam com a finalidade de executar serviços em benefício de sua comunidade, tais como:

- Construção de escolas
- Construção de casas
- Construção de Açudes
- Postos médicos (Ambulatório rural)
- Barragens
- Privadas e fossas
- Poços
- Estradas
- Construção de clubes
- Grupos de saúde
- Grupos de pescadores
- Conselhos comunitários
- Feiras livres de cultura
- Ações comunitárias contra as enchentes ou as sêcas

A tendência é reforçar o trabalho ao nível de serviços diretamente ligados ao esquema de sobrevivência, especialmente em áreas de pequenos proprietários.

Geralmente, este tipo de grupo consegue atingir as populações isoladas do processo de desenvolvimento no esforço de melhorias parciais para as comunidades, relacionadas com as necessidades básicas de higiene e saúde (poços, construção de fossas, cobertura de casas, etc.) de escolarização (construção de escolas) de participação ou socialização (a forma de realizarem o trabalho).

### 3. UNIDADE DE SERVIÇO DE AVALIAÇÃO

#### 3.1 Avaliação do Trabalho

A Avaliação das Atividades do MEB tem exigido uma atenção especial da Entidade, face às dificuldades de mensuração de um trabalho de educação com suas características próprias.

O esforço de dotar o Movimento de um sistema de avaliação cada vez mais eficiente se expressa em diferentes atividades, das quais citamos:

- a) Elaboração de instrumentos de avaliação do trabalho educativo, através de um sistema de coleta de dados, em constante aperfeiçoamento.
- b) Definição de critérios de análise e de ponderação dos dados obtidos.
- c) Fornecimento de elementos para a elaboração de planejamentos e projetos adequados à realidade e às condições do trabalho do MEB.

Ao nível dos Sistemas, o esforço de elaborar e utilizar material de controle e acompanhamento de determinadas atividades se concretiza em instrumentos como:

- 1) Ficha de controle das reuniões de comunidades
- 2) Ficha de "Controle das aulas" para o monitor
- 3) Avaliação de cursos radiofônicos sobre agricultura e saúde
- 4) Fichas de acompanhamento da pesquisa psico-social
- 5) Ficha de controle da programação radiofônica
- 6) Questionário para avaliação da experiência de alfabetização.

Enquanto atividades do MEB-Nacional pode-se distinguir, particularmente:

- a) Elaboração de instrumentos específicos para a avaliação global do trabalho: fichas de análise de custos operacionais, fichas de coleta de dados da produção dos sistemas, fichas de controle dos recursos técnicos do MEB dispensados aos Sistemas e a outras entidades, etc.
- b) Assessoria para elaboração, aplicação e análise dos instrumentos de avaliação de nível local.
- c) Sistematização da avaliação realizada por todas as Equipes Locais.

\*\*\*

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE - MEB

Rua São Clemente, 385 - Botafogo  
Rio de Janeiro - GB.

06/71 - 100

MOVIMENTO  
DE  
EDUCAÇÃO  
DE  
BASE

“ METODOLOGIA DA AÇÃO EDUCATIVA DO MEB ”  
=====



- I - ANÁLISE DO TRABALHO DO MEB
  - a) Experiências educativas que informam o trabalho do MEB
  - b) Fases do trabalho do MEB
  
- II - ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO UNIVERSO SITUACIONAL DO EDUCANDO
  - a) Aspectos sócio-econômicos
  - b) Aspectos psico-sociais:
    - 1. A percepção
    - 2. A resistência à mudança
  
- III - RELAÇÃO ENTRE GRUPO CAPACITADOR E EDUCANDO DO PONTO DE VISTA DA ESTRUTURA METODOLÓGICA DO MEB
  
- IV - DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA
  
- V - O PROCESSO DE APRENDIZAGEM
  - a) Estágio da inteligência intuitiva
  - b) Estágio das operações intelectuais concretas
  - c) Estágio das operações intelectuais abstratas
  
- VI - GRUPOS

## I - ANÁLISE DO TRABALHO DO MEB

Com caráter fundamentalmente educativo para o meio rural, o MEB se apresenta como uma entidade que possui uma experiência significativa em seus dez anos de atuação. Nosso objetivo neste trabalho é fazer uma análise dos pontos de referência que têm orientado o programa educativo do MEB e sobretudo os dados que esta experiência tem fornecido para a sistematização de um corpo metodológico.

### a) Experiências educativas que informam o trabalho do MEB

Quando nós propusemos a analisar o processo de formação da metodologia do MEB, percebemos como ponto fundamental a análise de outras experiências de educação de adultos que no transcurso do nosso trabalho nos influenciaram, seja pela crítica que fazemos de seus objetivos, seja pela metodologia que empregam, seja pelos resultados que apresentam, ou pela interligação que se estabeleceu nos trabalhos de base que leva a uma influência mútua.

Em linhas gerais distinguimos os seguintes tipos principais de experiências:

1. Extensão: que se caracteriza fundamentalmente pela transmissão de conhecimentos elaborados em centros de pesquisa, ou seja: "levar aos indivíduos os conhecimentos necessários ao desempenho das funções econômicas e sociais e políticas" - em geral se definindo mais no sentido das atividades econômicas, principalmente a transmissão de conhecimentos técnicos (agrícolas, sanitários etc.). Utiliza como métodos principais de ação as campanhas, as técnicas de demonstração de resultados, palestras e cursos.

2. Promoção comunitária pela prestação de serviços: em geral são experiências que buscam promover a comunidade, mantendo instituições de serviço, temporariamente ou em caráter mais definitivo. Temos como exemplo o Projeto Rondon que presta serviços médicos, odontológicos, etc.. É diversas entidades que instalam postos de assistência, de saúde, escolas e cursos de capacitação técnica (datilografia, cabelereiros, mecânicos etc.), muitos com a perspectiva de promover a comunidade pela elevação do nível produtivo de parte dos indivíduos que a compõem.

3. Associativismo: propõe formas definidas de associação, baseadas em experiências de outras regiões, com o sentido de desenvolver a comunidade através de seus grupos mais significativos. As experiências mais marcantes são as do Cooperativismo e Sindicalismo, que geralmente abordam grupos produtivos e supõem exigências jurídicas bem determinadas, e cujos resultados dependem principalmente do estágio de maturação dos grupos que envolvem, e de sintonia com os problemas principais desses grupos. Mas encontramos também outras experiências bastante generalizadas, de objetivos mais restritos, como clubes de juventude, de mães, grupos recreativos etc.

4. ANPO - Animação Popular: a Animação Popular teve origem na África e se exprimiu, desde o início como uma estrutura auxiliar dos planos de desenvolvimento econômico. Com sua ação "facilitante" e "democrática" ela permitia que os objetivos econômicos fossem alcançados mais rapidamente, pela conquista prévia da adesão popular aos projetos do Governo.

Para atender à extensão de sua área de atuação, a Animação Popular, se constituía em organismos de emplique nacional, recebendo do poder econômico e do poder político todo apoio. É fácil compreender que a AnPo tendo que responder a projetos que envolviam largas faixas de população, tenha se inclinado à educação de massas.

5. Desenvolvimento pela organização da comunidade: propõe o desenvolvimento da comunidade, dando ênfase à organização da mesma, dos seus serviços essenciais, utilizando métodos de auto-ajuda ou não.

6. Desenvolvimento de comunidade de transformação: tem em vista uma organização da comunidade frente a seus problemas fundamentais, levando em conta principalmente, as relações dêsses com os problemas gerais da sociedade global. Tem como ponto de partida as situações problemas sentidas pelos grupos da comunidade e promovem a maturação dos grupos, até que atinjam o nível social em sentido amplo.

Podemos afirmar que o MEB sofreu influência dos seis tipos de trabalhos apresentados. Teve início como um movimento de Prestação de Serviços (Escolas Radiofônicas) e evoluiu para um trabalho de desenvolvimento de comunidade de transformação, no qual desenvolve fundamentalmente um trabalho de maturação de grupos (grupalização), através de técnicas de Dinâmica de Grupos e de adaptações de métodos empregados pelas experiências dos tipos 1,2,3,4 e 5 na medida da necessidade e maturidade dos grupos com que trabalha.

#### b) Fases do trabalho do MEB

Fazendo um retrospecto do trabalho educativo do MEB desde seu início até a fase atual constatamos que ele passou basicamente por dois períodos ou fases com características diversas. Em seus primeiros cinco anos, que situaremos como a primeira fase, os programas educativos visavam sobretudo a implantação de escolas radiofônicas chegando a atingir com esta atividade cêrca de 400 a 500 mil pessoas. Entretanto, já nesta época, o trabalho educativo não se limitava às Escolas Radiofônicas. Outras tarefas como a preparação dos educandos para a participação em sindicatos e outras formas de cultura popular tinham uma grande repercussão nas áreas de trabalho do MEB. Entre esta primeira fase de trabalho e uma segunda, o MEB sofreu uma fase

de transição caracterizada por dois fatores: a) as modificações sócio-políticas por que passou o País; b) em consequência deste primeiro fator, que até certo ponto poderíamos chamar de fator externo, um outro fator de caráter mais interno, representado pela busca de novas formas de atuação adequadas à formulação de um programa educativo que corresponderesse melhor às necessidades vividas pelo homem rural.

Vale salientar que os pontos de referência das reflexões que se fizeram na fase de transição funcionaram como matéria prima para a orientação do programa educativo da segunda fase, que se caracterizou sobretudo por um esforço de sistematização metodológica e tem como ponto de partida o conhecimento da situação do educando, básico para a eficácia do programa educativo.

## II - ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO UNIVERSO SITUACIONAL DO EDUCANDO

Verificamos que as motivações e centro de interesse do homem rural estavam voltados, fundamentalmente, para a resolução de seus problemas econômicos e sociais. É evidente que estas motivações não são exclusivas do homem rural. Entretanto, esta relação homem-meio, no campo, tem seus aspectos específicos. Ela reflete um sistema de equilíbrio próprio. Estudando este equilíbrio adquirido no meio social, observamos a necessidade de analisar as seguintes relações: os meios e as relações de produção, a organização social e jurídica, as diversas classes sociais, a localização dos polos de decisão na estrutura política, as mudanças e a receptividade às inovações, as formas de integração grupal, os valores, aspirações, expectativas e o tipo de percepção existentes. A caracterização deste conjunto tem sido precária por falta de recursos técnicos e materiais. Por isso destacamos alguns pontos que consideramos fundamentais:

## a) Aspectos sócio-econômicos

1) As relações de produção no meio rural não se apresentam numa forma única. Conforme a região ou localidade, nota-se a tendência a predominar de um tipo sobre os outros. Em consequência do tipo de relações de produção se estabelece um determinado sistema social. Nossa dificuldade em sistematizar estas relações provém do fato de que na realidade elas se encontram em diferentes formas de associação.

Verifica-se que a partir dos interesses dos colonizadores do País, em uma etapa histórica, e do mercado internacional em outra, se desenvolve no campo, um sistema de exploração econômica voltado para a produção de bens de exportação. Castanha e borracha na Amazônia, côco babaçu no Piauí, carnaúba em parte do Ceará, cana na Zona da Mata do Nordeste, algodão no Agreste e gado no Sertão.

Ao lado dêste sistema de produção para exportação, se desenvolveu um sistema de agricultura de subsistência, em minifúndios, terras arrendadas, em parceria, meação ou outros contratos, onde predomina o cultivo da mandioca, feijão e milho, de comercialização restrita às feiras das localidades mais próximas, barracões e bodegas e por intermédios. Em muitas regiões, é o sistema de subsistência que fornece não-de-obra para o sistema de exportação. E o trabalhador é muitas vezes, meieiro e assalariado, ou paga o direito de uso da terra em dias de serviço, ou tem o direito de ter roça por concessão de grande proprietário, multiplicando-se as formas de dependência.

No sistema de exportação, o aviltamento dos preços dos produtos no mercado internacional, causa o aparecimento de formas de exploração do trabalhador, cada vez mais duras e, em geral, o trabalho educativo não encontra condições de se implantar, seja por falta de tempo dos trabalhadores ou muitas vezes por desinteresse ou oposição dos grandes proprietários. Por isso, o trabalho de educação de base se concentra nas áreas do sistema de subsistência, atingindo o de

exportação de maneira indireta, por conta das ligações entre os dois, que existem numa mesma região geográfica, ou em diferentes regiões, o que de certa maneira ocasiona grande mobilidade das populações.

2) A realidade sócio-econômica da área onde o MEB atua não oferece muitas alternativas para a resolução dos problemas vitais do homem rural. Suas condições de sobrevivência, de um modo geral, são muito limitadas. Do ponto de vista educativo, isto reduz as possibilidades de comparação com outras formas de produção, que são pouco diversificadas na agricultura, empobrecendo assim a troca de experiências.

Portanto, em termos sociais, o fato de uma família conseguir ou não maior produtividade em sua lavoura, não altera o contexto econômico e social da comunidade. É fato que há no meio rural muitas formas de solidariedade entre as várias famílias, com origem na problemática de sobrevivência, que é comum, mas esse fato não altera estruturalmente a forma de produção.

3) Do ponto de vista psico-social, observa-se um processo de socialização restrito, pois o trabalho do agricultor é realizado geralmente de forma isolada, limitado à própria família, tanto no que se refere à preparação e execução do trabalho como aos seus resultados.

A socialização sendo restrita, se reflete também no processo de maturação intelectual, ao qual está intimamente relacionada, condicionando o aparecimento de uma percepção com características próprias e de fenômenos como a resistência à mudança.

#### b) Aspectos psico-sociais

##### 1) A percepção

Um programa educativo deve se apoiar de início sobre as noções anteriormente conhecidas pelos educandos. Ig

to significa ir do conhecido ao desconhecido progressivamente. Por isso a ação educativa importa conhecer a situação concreta do homem rural.

Numa comunidade tradicional, grande número de necessidades não são percebidas. Na verdade, toda percepção tem por fundamento a experiência passada do indivíduo. Esta experiência é filtrada pelo sistema cultural de seu grupo. O indivíduo só perceberá aquilo que aprendeu a reconhecer. Se o que se lhe apresenta não tem relação com o que sabe, crê e pensa, a mensagem corre o risco de nem sequer ser percebida, devido ao caráter seletivo da percepção.

No meio rural, as relações humanas raramente são impessoais e supõem uma familiaridade que se apóia sobre uma rede de relações complexas. A continuidade das relações pessoais não caracteriza só a comunicação humana, mas também o conjunto dos intercâmbios humanos e sociais, tais como a barganha, a ajuda mútua, a colaboração ocasional ou tradicional. Toda troca pressupõe uma relação de proximidade que implica num reconhecimento mútuo preliminar. Os contactos serão, então, primários, raramente secundários e nunca impessoais; a confiança será a marca que os distinguirá.

A informação é sempre veiculada, afiançada e assinalada por alguém. Este traço, associado ao precedente, explica porque a informação passa sempre por alguém que a comunidade e o grupo reconhecem. Observemos, entretanto, que sempre circula uma certa quantidade de informações, de maneira que o isolamento cultural não é absoluto. Mas, esta comunicação é muito aleatória, pois depende do acaso dos encontros.

Um outro aspecto, é a ausência de discussão. Os conflitos, com efeito, não são resolvidos através da discussão. Toda a sabedoria tradicional tenderá a evitá-los, uma vez que uma discussão poderia colocar em questão, perigosamente, as estreitas relações humanas necessárias para a sobrevivência do grupo. De outra parte, o peso dos mais velhos e da tradição reduz, também, as possibilidades de um di



álogo vivo. Não se procura, então, argumentar com o fim de conversar, de alterar a opinião de outrém, mas com o fim de se impor ou de defender seu "status". Não se discutirá uma nova idéia, mas procurar-se-á minimizá-la pela sabedoria passada, ou neutralizá-la pela ironia. De qualquer maneira, tudo o que poderia ameaçar a coesão do grupo em questão é imediatamente eliminado. Daí o caráter arredo, desconfiado, do homem rural para com o estranho e o estrangeiro.

Os educandos não são insensíveis à temporalidade, mas a percebem como prolongamento do passado e em suas estreitas relações com a tradição. Na mudança, eles não percebem a potencialidade do futuro, nem o valôr da novidade, mas apenas aquilo que permita prolongar o "status quo", na repetição inventiva. Esta mentalidade admite o futuro, pois nota-se um sentido de providência para que o já vivido possa se repetir. E. Willems notou, com muita sutileza, a importância da promessa, que domina ao mesmo tempo, a visão futura e a visão religiosa do homem rural. A providência, a promessa, o sentido da repetição encontram-se imediatamente encarnados na sucessão dos trabalhos cotidianos, do diurno e do noturno, das estações, enfim. Mas o futuro, como vislumbre de uma possibilidade que, colocando em questão o adquirido, permitiria, pela previsão, obter um aperfeiçoamento sensível, é neutralizado pelo receio dos riscos que êle implica. O futuro não é mais que o prolongamento necessário do presente, a fim de que a vida continue. Não é de se admirar, pois, se esta representação do tempo se racionalize na sabedoria tradicional que desvaloriza tudo o que está relacionado com o futuro e valoriza o adquirido."

Outra característica deste mundo ideológico é o desconhecimento do sistema jurídico legal. Isto não significa que não existe um sistema de leis nas comunidades, mas estas são formuladas e vividas de acôrdo com sua realidade local.

## 2) A resistência à mudança

Relacionado com seu mundo ideológico o homem rural apresenta grande resistência à mudança. Este fenômeno se explica em parte por alguns fatores psico-sociais. Um deles é o mecanismo de defesa que se apresenta como uma proteção diante de um mundo que o homem rural não compreende logicamente e que representa uma ameaça constante à sua pessoa. Assim, a perspectiva de qualquer mudança significa uma desestruturação muito perigosa pela incerteza que tem dos fatos ao seu redor e que tem dificuldades de manipular. No seu raciocínio não existem elementos críticos para que chegue a uma análise das conseqüências ou alternativas que o levem a arriscar-se calculadamente, isto é, dentro de suas possibilidades. A mudança, para o homem rural, implica em uma nova situação que exige adaptação por vezes muito dolorosa. O mundo mágico que ele cria para sobreviver física e psicologicamente é a demonstração prática deste mecanismo defensivo. O sentimento de desvalorização pessoal é resultante de sua história social. O educando não ousa projetar, exigir ou mudar no nível dos mínimos direitos humanos. Quando se pergunta quem pode mudar sua situação, ele geralmente encontra respostas exteriores à sua pessoa. Ele próprio não conta com sua capacidade para estas modificações. Na verdade, a educação com sua proposta de mudança questiona as convicções e práticas tradicionais dos grupos. O processo de auto-capacitação grupal, significa uma aceitação muito maior das possibilidades de mudança.

O grupo social tem uma função de transmissão cultural de geração para geração. Isto quer dizer que o grupo social não tem somente uma categoria sociológica, mas também significa uma entidade psicológica. É fato que a cultura de um grupo determina os traços predominantes da personalidade; portanto a comunidade serve de modelo, ao qual se amolda a personalidade do homem rural. É o grupo social que ensina o indivíduo desde sua juventude a perceber, a viver, e a controlar seus sentimentos e valores. Por

tanto, êle tem uma função na educação do indivíduo e também lhe dita os comportamentos que correspondam à aceitação das normas vigentes. Em um grupo, aquêle que se afasta do modelo de comportamento normalmente admitido pelo mesmo, corre o perigo de ser rejeitado ou no mínimo de incorrer na desaprovção do grupo. O grupo constitui também uma rede de comunicação e êle significa um fator essencial na vida do campo nês. Quando a proposta de mudança é feita numa comunidade rural, o educando não reage enquanto indivíduo isolado, mas enquanto membro de um determinado grupo social. Isto significa que uma ação educativa não depende da aprovação de um indivíduo, mas da integração entre os elementos de um grupo. Portanto, a adoção de técnicas ou de novas maneiras de pensar exige uma visão educativa que leve em conta os fatores culturais e sócio-psicológicos. Assim, o grupo social tanto é fator de controle das novas gerações, o que favorece a resistência à MUDANÇA, como é ao mesmo tempo e por contradição, o núcleo da intervenção educativa. Mais do que uma ação que se dirija a uma massa anônima, é necessário prever uma educação que leve também em conta os papéis sociais. No plano grupal, a aceitação do risco é muito mais viável e se realiza de forma mais consciente.

### III - RELAÇÃO ENTRE GRUPO CAPACITADOR E EDUCANDO DO PONTO DE VISTA DA ESTRUTURA METODOLÓGICA DO MEB

Capacitamos grupos para uma ação refletida no processo social, levando em conta a natureza e o grau de participação destes grupos na estrutura social. Podemos acrescentar que, de modo geral, a atuação destes grupos se faz através da ação produtiva nas comunidades rurais. Conforme nossos objetivos, a ação educativa deve ser consciente e criadora, o que supõe um corpo de métodos que não só ordene a ação, mas igualmente os procedimentos e processos intelectuais que preparam, criticam e recriam esta ação.

Entendemos que a intervenção educativa se faz no sentido de promover a auto-educação dos indivíduos num processo que é grupal. Esta posição nos leva a identificar etapas deste processo e a caracterizar o papel do educador que é específico como um dos agentes. Se entendemos por auto-educação a participação do educando no processo educativo, êle aí tem um papel definido, que deve orientar tôda a atitude do educador. Logo, tanto o educador como o educando são agentes. Ao longo do processo a relação educador-educando se mantém sempre em função da autonomia crescente dos grupos. Isto quer dizer que a perspectiva educacional determina a função do educador. Assim, uma metodologia tradicional, dá ênfase ao educador e seu papel é obrigatoriamente mais importante do que o do educando, pois é do educador que se espera a responsabilidade de todos os conteúdos, da transmissão, e da própria aprendizagem. O que propomos é bem diferente. Assumir juntos a tarefa educativa. Estas reflexões nos levam a dois tipos de preocupação:

a) a percepção que fazemos é difícil de ser vivenciada uma vez que os educadores estão fortemente marcados pelo papel de "mestre" que tem tôda a sabedoria e não está acostumado a esperar respostas que às vêzes são muito lentas ou aquem daquilo que êle espera. Por outro lado, os educandos por inibição, discordância ou submissão, têm um comportamento passivo que dificulta o estabelecimento de uma relação positiva, onde os dois polos entram como agentes, para a qual é preciso vencer a barreira da própria tradição pedagógica.

b) O conhecimento das etapas do grupo para a autonomia, é condição primordial para que o educador se situe em face do educando. Embora sua ação seja típica, a partir do enfoque dado ao processo educativo, ela necessariamente se modificará na medida em que os grupos forem adquirindo autonomia. Será cada vez mais um serviço, uma busca de informações necessárias ao grupo que dirige e orienta o processo. Em vez de depositar conteúdos nos alunos, o educador passará a forne

cer aos alunos aquilo que êles necessitam para ultrapassar cada situação concreta que o grupo percebe e tenta resolver. A situação-problema do grupo e a percepção que o grupo é capaz de ter da mesma serão indicadores daquilo que o educador necessita para estar capacitado a atender ao grupo. Quanto mais autônomo for o grupo, mais modificações, mais amplitude, mais diversificação no papel do educador.

Nossa metodologia tem por base uma teoria de aprendizagem que explica e orienta o processo através da ação seja ao nível do grupo ou do indivíduo. Como esta aprendizagem é de caráter basicamente social, a intervenção psicossocial e o processo educativo se confundem. Porém, ambos visam a formação, ativação e desenvolvimento dos grupos comunitários para a mudança social. Por isso, nossa metodologia compreende:

- a) Teoria e prática do processo de aprendizagem
- b) Integração dos grupos no processo social
- c) Os instrumentos que concretizam a ação educativa.

#### IV - DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Este elemento é fundamental quando se trata de um processo educativo no qual o educando é sujeito de sua ação. Para que este processo se efetue é necessário que o educando oriente sua ação a partir de categorias de análise. Por isto, um programa educativo deve fornecer ao homem rural a oportunidade de operar com dados da realidade vinculados à sua experiência. Em outras palavras, deve o educando refletir sobre a realidade em que está inserido, isto é, sobre seu meio social. Sabendo-se que a percepção da realidade não é igual para todos os indivíduos, isto significa que o educando percebe seu universo situacional com características bem definidas. Sua ação se inicia a partir dos dados desta percepção. Estes dados da realidade devem partir do edu-

cando, voltar aos mesmos, não como dissertação e sim como uma problematização. Da percepção até a resolução de um problema ocorre um processo de mudança no indivíduo e no seu grupo social. A consciência crítica não pode ser doada por nenhum educador. Quando uma pessoa pensa por outra, esta última permaneceu no mesmo estágio mental em que se encontrava anteriormente. Se, ao contrário, é o educando quem pensa e executa sua ação, é necessariamente levado a raciocinar ou seja, a se instrumentalizar mentalmente. Para isso, deve ultrapassar a fase intuitiva, sendo necessário que o educando introduza progressivamente diversas categorias de análise em seu pensamento, de modo que este, de unilateral passe a ser global. A unilateralidade do raciocínio se caracteriza pela abordagem de uma situação sob um único aspecto. Ou seja, a conceituação de uma situação é feita em função de uma ou duas características desta situação e tomadas como "padrão absoluto" para seu julgamento, sem a análise de outros aspectos, que são desconhecidos. "Na passagem deste nível de raciocínio ao nível global, o pensamento intuitivo evolui por meio de "correções": cada nova categoria descoberta é considerada como absoluta numa primeira etapa até conseguir coexistir mentalmente com outras categorias existentes".

Conforme veremos mais adiante, a forma operacional de analisarmos um problema sob diversos ângulos, é a discussão em grupo. Isto torna-se possível através de um trabalho de integração e atuação do educando em formas grupais ou associativas existentes ou criadas em seu meio social.

## V - O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Um trabalho educativo que se propõe atingir profundamente o educando, transformando-o e levando-o a uma atitude crítica diante de seu meio social e das pessoas, terá que considerar de início um processo lento e difícil. Este processo significa uma sequência de fases para que o educan-

do, que se encontra no estágio de intuição passe ao estágio de operação lógica no desenvolvimento do raciocínio. É no processo de aprendizagem crescente que se verifica esta passagem: de condutas não operatórias (reflexos, hábitos adquiridos) para condutas operatórias (inteligência).

Esta maturação não é só intelectual. Modifica também as atitudes afetivas e emocionais do indivíduo. Educar seria estimular a maturação ou seja, levar o educando a resolver os problemas que a realidade lhe apresenta. Memorizar fórmulas, noções, definições, não exige mudança no raciocínio do educando e portanto não significa aprendizagem. Para isso é necessário conhecer a evolução da inteligência humana, que segundo o Método Psicogenético de Piaget, se caracteriza em três estágios:

#### a) Estágio da inteligência intuitiva

A intuição é um tipo de conhecimento que se faz de modo imediato, direto. Em geral é o que caracteriza a forma de conhecimento das crianças na fase de 2 a 7 anos. Entretanto, a inteligência intuitiva não finda ao se chegar a esta idade. Ela acompanha o homem ao longo de sua vida, coexistindo com os outros estágios dos quais falaremos mais adiante. Caracteriza-se pela generalização de dados de uma situação isolada, conhecida pelo indivíduo.

Isto significa que o pensamento e a ação se efetuam "com base em preconceitos, provérbios, transferindo as qualidades do objeto padrão a todos os objetos ou situações".

O homem rural raciocina predominantemente de modo intuitivo: a sua maneira de expressar, a sua linguagem se referem a símbolos (imagens) e não a conceitos (noções, idéias mais gerais).

A educação e a aprendizagem devem, portanto, estimular a maturação do pensamento, e não povoar de conceitos abstratos, fora da realidade existencial dos educandos.

### b) Estágio das operações intelectuais concretas

Se o pensamento intuitivo é unilinear (cuja expressão típica é o monólogo ou diálogo paralelo) nêsse estágio, das operações intelectuais concretas, o pensamento passa a ser crítico e lógico do concreto, com características de "grupo" (sentimentos sociais e morais de cooperação, capaz de estabelecer a reciprocidade do diálogo).

O raciocínio nessa fase não se prenderá mais a um aspecto particular do objeto ou do problema, a um ponto de vista ou opinião particular da pessoa. Ele poderá exercer atividades de grupo, devendo para isto resolver em grupo, discutir com o grupo, decidir em grupo o plano a ser executado.

### c) Estágio das operações intelectuais abstratas

Na fase anterior, o raciocínio poderia ser perfeito, mas sempre tendo como base os fatos concretos. Na fase atual, da inteligência abstrata, o homem vai se desligando cada vez mais do fato concreto, para se elevar a um grau de generalização e abstração que lhe permita a formulação de hipóteses capazes de explicar ou elaborar teorias.

Poderíamos sintetisar o que foi visto do ponto de vista do mecanismo psicológico dos tipos de inteligência, que a aprendizagem e o conhecimento se verificam quando há uma situação problema. O supervisor e o professor locutor e até mesmo o monitor devem ser pessoas que provoquem os educandos para que êstes identifiquem as situações novas que lhes desafiam na busca das soluções.

O conhecimento se processa a partir das experiências anteriores, possuindo uma faixa de percepção que se move em tórno da sua vida, do seu meio e de seus problemas; essa faixa perceptiva vai se ampliando à medida em que as situações novas e problemáticas o levem a associar os elementos novos a essa experiência anterior, fazendo com que êles se intègrem, situando semelhanças e diferenças, aumentando o seu campo perceptivo.



Esta procura de identidade e diferenças caracteriza a etapa de associação. A fase seguinte, ou seja, a assimilação da nova situação será tanto maior quanto mais semelhanças existirem com os conhecimentos anteriores "no nível de pensamento, o indivíduo faz ingressar o novo no conhecido, reduzindo o universo às suas próprias noções".

A última fase do processo de aprendizagem é a acomodação. Por isso, podemos dizer, de modo simplificado, que "aprendizagem é a acomodação de novos esquemas mentais", ou seja, "acomodar é uma nova adaptação (arrumação mental) de esquemas mentais anteriores já conhecidos a uma necessidade nova" (surgida através de uma situação-problema que desequilibra o estado anterior de satisfação da pessoa).

Na primeira fase de aprendizagem, os sentidos têm um papel fundamental. Mas não podemos considerar a percepção da realidade como uma fotografia. A percepção é uma atividade que se modifica constantemente através de novas experiências: esta é a atividade perceptiva.

Em termos didáticos, pode existir maior valorização de uma técnica, utilizando-se mais este ou aquele sentido para estimular a atividade perceptiva.

Neste processo dois aspectos são importantes: a) necessidade de ter como ponto de partida os desequilíbrios internos nos educandos, provocados pela realidade. Isto significa a desarrumação da ordem anterior estabelecida e a procura efetiva de novas soluções. b) necessidade da ação no processo de aprendizagem. O primeiro passo para a aprendizagem é a percepção das situações-problema (estímulo) que provocará uma atividade. É neste nível que surge o desequilíbrio. O passo seguinte seria a ordenação e elaboração dos dados colhidos nesta atividade. Na etapa da síntese surgem os conceitos e juízos. Entretanto, a aprendizagem se completará, sobretudo, na aplicação dos novos esquemas apreendidos. A aprendizagem começa com uma prática e deve voltar a ela.

Pode-se incluir o quadro a seguir:

- Aprendizagem {
1. percepção - problemas sentidos
  2. associação de experiências anteriores
  3. assimilação - como, quando, onde, porque, quais os pontos de semelhança e quais os de diferenças ?
  4. novos esquema de ação.

## VI - GRUPOS

O trabalho educativo, que era feito anteriormente, sobretudo a partir das lideranças rurais e dos monitores de escolas radiofônicas, passou a ser encarado muito mais no sentido de grupalizar os membros de uma comunidade. Esta mudança de caráter metodológico foi paralela ao conhecimento da problemática sócio-econômica do meio rural. Verificamos que a ação educativa, quando realizada a partir de algumas lideranças, apresentava um caráter muito restrito, não envolvendo a comunidade na mudança, resultando na promoção individual do líder. As dificuldades sócio-econômicas do meio rural requerem a participação de toda a comunidade, através da organização de grupos diversificados.

No plano educativo, o MEB visa sobretudo levar o homem rural a se inserir num processo de auto-educação em grupo. Esta inserção se concretiza numa participação efetiva nos problemas de sua comunidade. Esta participação é garantida pelo desenvolvimento de vida em grupo, onde cada elemento desempenha a sua função, assume responsabilidades e encontra condições de desenvolver sua criatividade. A vida em grupo existe nas comunidades rurais porém de forma assistemática e sem objetivos explícitos. Através da intervenção educativa, estes grupos se estruturam em busca de soluções para os problemas de suas comunidades visualizando melhor seus objetivos.

O processo de desenvolvimento de um grupo supõe a integração entre seus elementos, em função de objetivos co

muns. Esta integração final se confunde com o próprio processo do grupo e ela se faz através da permanente troca de experiências de seus elementos e avaliação dos resultados de sua ação. Em sua primeira fase o grupo deve dar a cada um a oportunidade de ser reconhecido e aceito enquanto elemento individualizado. Favorecer a participação de cada membro é essencial ao processo de grupo, significando também uma experiência vivencial de democracia. Numa segunda fase, já se verifica a passagem de um plano individual para um plano de identificação com o social através de formação de sub-grupos. A terceira fase, ou fase de integração pode ser caracterizada como o momento em que o grupo trabalha com mais eficácia em torno do objetivo comum. Mas o processo de integração, visto como um todo, não é um processo acabado: ele é basicamente dinâmico e se em determinado momento um grupo consegue uma integração adequada aos seus objetivos, no momento seguinte, outros problemas estarão a exigir uma continuidade no crescimento do mesmo.

Cada uma destas fases propõe problemas específicos a uma coordenação que se quer exercer de um modo funcional. A passagem de uma fase a outra depende de modo decisivo do clima de grupo que se conseguiu criar. Neste sentido, do ponto de vista metodológico, a ação educativa deve visar uma capacitação de líderes e de grupos, sem que um elemento esteja desvinculado do outro. O trabalho educativo através de grupos comunitários permite uma menor marginalização social dos educandos, pois o grupo diminui o isolamento característico do homem rural. Tem também uma influência no sentido de levar a uma união, e portanto à uma economia de forças que facilita uma maior influência política, se constituindo portanto num processo de democratização.

Maria do Carmo Gomes Vieira  
Luselene F. Veras de Sousa  
Celso Simões Bredariol

## BIBLIOGRAFIA

1. "Nuevas Tendencias de la Educación de Adultos", por A.S.M.Kely
2. "O Nascimento da Inteligência na Criança", Jean Piaget, Editora Zahar
- 3) Aspectos Sociais da Ação Educativa no Meio Rural Tradicional, Marcel de Clerck, Paz e Terra nº 9 - Tradução de Paulo Rogério Esmanhoto
- 4) "Os Conflitos no Lar e na Escola", Lauro de Oliveira Lima - Editora Vozes
- 5) "Educação de Base e Capacitação", Paulo Rogério Esmanhoto, Publicações MEB, 1970
- 6) "Dynamique et Genèse des Groupes", Gerald Mailhot
- 7) "Problemas metodológicos no trabalho de Educação de Base", Creusa Capalbo, Publicações MEB, 1970
- 8) "Uma experiência de treinamento de Animadores Rurais", Rute Machado Rios, Publicações MEB, 1971
- 9) "O Analfabetismo é o Problema?", Maria do Carmo Gomes Vieira, Publicações MEB, 1970
- 10) Prática de Ensino, Hans Aebli, Editora Vozes

- 11) Una Didáctica Fundada en la psicología de Jean Piaget,  
Hans Aebli
- 12) La Alfabetización de Adultos, Critica de su vision in-  
genua; comprension de su vision critica, Paulo Freire,  
ICIRA, Chile
- 13) Introdução à Pesquisa Psico-Social, Publicação MEB/Cea-  
rá. Assessoria de José Renato Monteiro e Dimas Furtado
- 14) "Sugestões para o Estudo sobre o Analfabetismo no Bra-  
sil", Artigo de Pierre Furter, UNESCO
- 15) Relatório Trienal da Contag
- 16) "Tipologia da Educação de Adultos no Brasil", CLAPS -  
Hipóteses de trabalho - Maria Aída Neves Bezerra.

\* \* \*